

Poliana Bruno Zuin
Amarilio Ferreira Junior

PARCERIA E DIALOGIA NAS INTERAÇÕES ESCOLA-FAMÍLIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

trajetórias metodológicas
para professores iniciantes



Este livro contou com financiamento do
Conselho Nacional de Desenvolvimento
Científico e Tecnológico (CNPq).



 **Pedro & João**
editores

PARCERIA E DIALOGIA
NAS INTERAÇÕES ESCOLA-FAMÍLIA NA
EDUCAÇÃO INFANTIL
trajetórias metodológicas para professores
iniciantes

Poliana Bruno Zuin

Amarílio Ferreira Junior



Pedro & João Editores

www.pedroejoaeditores.com.br

13568-878 - São Carlos – SP

2020

Copyright © Poliana Bruno Zuin; Amarílio Ferreira Júnior

Todos os direitos garantidos. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, transmitida ou arquivada desde que levados em conta os direitos da autora e do autor.

Poliana Bruno Zuin; Amarílio Ferreira Junior

Parceria e dialogia nas interações escola-família na educação infantil: trajetórias metodológicas para professores iniciantes. São Carlos: Pedro & João Editores, 2020. 201p.

ISBN 978-65-87645-91-9 [Digital]
978-65-87645-92-6 [Impresso]

1. Educação infantil. 2. Interação escola-família. 3. Formação de professores. I. Autora/autor. II. Título.

CDD - 370

Capa: Ana For Bruno Zuin

Editores: Pedro Amaro de Moura Brito & João Rodrigo de Moura Brito

Conselho Científico da Pedro & João Editores:

Augusto Ponzio (Bari/Itália); João Wanderley Geraldi (Unicamp/Brasil); Hélio Márcio Pajeú (UFPE/Brasil); Maria Isabel de Moura (UFSCar/Brasil); Maria da Piedade Resende da Costa (UFSCar/Brasil); Valdemir Miotello (UFSCar/Brasil); Ana Cláudia Bortolozzi Maia (UNESP/Bauru); Mariangela Lima de Almeida (UFES/Brasil); José Kuiava (UNIOESTE/Brasil); Marisol Barenco de Mello (UFF/Brasil); Camila Caracelli Scherma (UFFS/Brasil); Luis Fernando Soares Zuin (USP/Brasil)



Pedro & João Editores

www.pedroejooeditores.com.br

13568-878 - São Carlos - SP

2020

Este livro contou com financiamento do
Conselho Nacional de Desenvolvimento
Científico e Tecnológico (CNPq-Brasil).



Aos amores da minha vida Ana Flor e Luís Fernando, que iluminam os meus dias, embeleza-os de alegria e que me coloca um sorriso no rosto todos os dias.

Poliana

Dedicamos este livro a todos os professores da Educação Infantil.

Amarilio e Poliana

PREFÁCIO

O acolhimento da criança pela escola: o que nos diz a história da educação?

Ter sido convidada a escrever o Prefácio deste livro é muito significativo para mim, pois propicia-me a oportunidade de “reencontrar” uma dedicada ex-aluna do Curso de Pedagogia da UFSCar, a querida **Poliana**. Como sua professora de História da Educação, sinto-me orgulhosa pela carreira de pesquisadora que ela vem construindo e pela temática desenvolvida neste livro que é resultado de um trabalho conjunto com Amarilio Ferreira Jr. também seu ex-professor. Sendo assim, essa obra representa uma parte da “família UFSCar”, ou seja, o exercício de estudar e pesquisar em parceria e a formação de novos pesquisadores, política cara à nossa Universidade.

Neste momento de crise sanitária e humanitária pela qual o mundo vem passando devido à Covid 19, **Poliana e Amarilio** nos colocam frente a frente com o desafio de como

acolher as crianças nessa situação inusitada que nos impôs a obrigação de repensarmos nosso trabalho educativo. Este tema, que é tão específico dessa crise, tem aspectos gerais e recorrentes na história da educação, pois acolher ou não acolher as crianças é um assunto que acompanha a história da humanidade.

Desde quando as crianças estão na escola? Como foram recebidas por ela ao longo da História? Foi a escola uma instituição originalmente pensada para elas? Voltando nossos olhos para o passado longínquo, buscando a origem da escola e a presença da criança nela, recorreremos ao autor italiano Mario Manacorda, que buscou essas origens e comprovou a existência da escola por meio de relatos antigos, que não tinham a intenção de registrar a origem da escola, mas sim episódios políticos da Grécia Antiga. Em um deles, conforme escreveu Heródoto, em 496 a. C, um ano cheio de desgraças para Quios, antes de uma determinada batalha, o teto caiu "sobre um grupo de crianças que aprendiam as letras" e, de "cento e vinte, se salvou só uma". Por esse importantíssimo registro, temos certeza de que a

escola - essa invenção humana que está no coração de todas as sociedades - existe desde o século V a.C.

Contudo, a marcha lenta da História retardou a universalização da escola, processo que no Ocidente foi típico do século XIX. Lembremos que nessa mesma Europa, desde o advento do cristianismo, escola passou a ser sinônimo de sacristia, e aluno, de seminarista, tal como ficou celebrizada essa página da história da educação na obra **O Nome da Rosa**, de Umberto Eco, na qual acompanhamos, dentro de um mosteiro do século XIII, um adolescente ser educado por seu preceptor. Nos séculos seguintes, pelo menos no Ocidente, a educação prosseguiu vendo na criança um adulto em miniatura, ao mesmo tempo em que não se conhecia ainda uma necessidade de distinguir faixas etárias no processo de ensino e de aprendizagem. Isso estava em consonância com uma sociedade na qual adultos e crianças conviviam indistintamente no mesmo espaço, em todas as esferas da vida social.

A separação das idades por grupos só passou a ser preocupação mais tarde, por volta do

século XVII, quando as Ordens Religiosas dedicadas à educação começaram o processo de expansão de colégios, os quais, assim, passaram a ser também uma espécie de lugar seguro no qual as crianças pudessem ficar, protegidas de relações e vivências consideradas impróprias para elas. Esse processo está associado ao sentimento de infância que começou a se aprofundar e para o qual contribuiu a noção de pudor, isto é, da necessidade de se proteger a criança de determinadas exposições ao mundo dos adultos. Os colégios, ao longo desse processo, foram as instituições responsáveis por separar as crianças do mundo dos adultos e, a partir de então, o padrão de convivência entre esses dois mundos foi mudado. Manacorda chega a dizer que, com o aprofundamento desse processo pelas revoluções industriais, passou a existir crise de gerações na medida em que as relações passaram a transcorrer em espaços específicos, separando os que viviam juntos. Em síntese, os colégios tiraram as crianças das ruas e dos demais espaços de convivência com os adultos, um dos quais era o do próprio trabalho, onde elas laboravam com eles.

Enquanto esse processo transcorria e continua transcorrendo, em muitas partes do planeta, ainda hoje, grandes parcelas de crianças continuam excluídas da escola seja por sua inexistência, seja por existirem, mas não para elas, seja por outras razões, inclusive por fundamentalismos religiosos que proíbem meninas de a frequentarem. De todo modo, onde quer que fosse, a implantação da escola gerou pelo menos duas mudanças civilizatórias: separou a criança do espaço comum em que ela vivia com os adultos e se transformou em uma espécie de “fábrica social”. No primeiro caso, como assinalai, tratava-se de proteger a criança segundo a nova postura que surgia na Europa, fato correlato a um novo sentimento que historicamente vinha se formando: o sentimento de infância. Isso gerou a sua separação do mundo promíscuo dos adultos, incumbência dada aos colégios, os quais, ao mesmo tempo, passaram a classificar as crianças por idade e sexo. Quanto à segunda mudança operada pela escola, isto é, a de se transformar em uma espécie de “fábrica social”, ela foi responsável pela disseminação de hábitos sociais, pela convivência de centenas de crianças em um

mesmo espaço que sintetiza o viver em sociedade. Antes dela, não existia um tal lugar.

Conforme se instituía e se tornava o centro social das comunidades humanas, contudo, a “fábrica social” tendia muito mais a manter práticas disciplinares autoritárias do que a desenvolver relações que hoje designamos democráticas. Por isso, movimentos juvenis da segunda metade do século XX visaram a sua democratização e, em versões mais sectárias, chegaram a contestar a sua própria existência. Em termos de pensamento teórico, o autor austríaco Ivan Illich, chegou a propor “sociedades sem escolas”.

Ironicamente, por caminhos tortos e dramáticos, estamos vivendo, desde março de 2020, a experiência de uma “sociedade sem escolas”. Essa experiência, embora forçada por fatores externos à educação, tem sido, contudo, de grande valia para repensarmos sobre o papel da escola em nossas vidas. Em que e como, na sua ausência, podemos cumprir alguns de seus papéis? O mundo vem acumulando práticas desde o início da pandemia sobre essas dificuldades e possibilidades, ao mesmo tempo

em que os desafios se revelam complexos. Talvez, no caso das crianças, uma verdade esteja mais evidente do que nunca: a necessidade da escola como espaço de convivência, de brincadeiras, de jogos, canto, ginástica, um conjunto de aprendizados, como a própria alfabetização, enfim, difíceis de serem realizados em sua plenitude individualmente, já que se trata de uma prática que faz sentido porque reúne muitas crianças juntas. No caso do aprender a escrever, ler e contar, por exemplo, a emulação entre as próprias crianças é um fator importantíssimo. Assim, a crise de hoje está nos mostrando que pelo menos neste aspecto, a escola é insubstituível, fato que, por si só, é útil para avaliarmos as teorias sobre a desescolarização.

Mas de que escola precisamos? Certamente não daquela que aplicava castigos físicos e constrições sobre as crianças e jovens e que, desde Rousseau, prosseguindo pelo século XIX, vem sendo criticada e rejeitada. Teóricos de diversos países, na esteira dessa preocupação com a criança, propuseram outros métodos e posturas: considerar a criança como criança e garantir-lhe ao máximo o desenvolvimento de

suas potencialidades. Algo que ainda é praticado em pequena escala se considerarmos a diversidade e desigualdades do mundo atual, no qual, em não poucas partes do planeta, a criança ainda está excluída não só da possibilidade de frequentar escolas, mas vivendo em situações que a obrigam a fazer parte da mão-de-obra adulta.

Essas breves lembranças me vêm à mente suscitadas pelo livro que tenho o prazer de prefaciar, pois vejo em seus autores não apenas a preocupação com caminhos teóricos e metodológicos, mas também com as estratégias para o trabalho com as crianças e a forma de acolhê-las. Considerando a situação causada pela pandemia, os autores enfrentam também o desafio do uso da tecnologia para minimizar a ausência das relações presenciais na relação fundamental que se desenvolve entre educador e educando. Vejo, enfim, uma disposição a enfrentar o desafio de continuar acolhendo a criança e não omissão ou negação pueril das possibilidades que a tecnologia nos oferece.

Reservei uma última consideração para concluir essas breves palavras. Todos fomos criança um dia. Quase todos gostávamos de

desenhar, cantar, jogar. Em que medida essas alegrias se apartaram de nós? Por que razão em nossas escolas, hoje, não se canta ou quase não se canta? Por que paramos de desenhar? Por que paramos de brincar? Sabemos que as razões vão desde a escassez de recursos nas próprias escolas, à falta de metodologias e de clareza sobre o que deve compor os currículos. Lembrome de uma entrevista na qual Ziraldo foi perguntado como havia aprendido a desenhar e como continuava a fazê-lo. Resposta: "porque fugi da escola". Quantas e quantas crianças que conhecemos, amamos, e com as quais convivemos, desenhavam hoje e não mais desenharão amanhã? O que isso nos diz?

Arrisco-me a conjecturar que pelo menos a saudade do tempo em que praticávamos o lúdico se reverta em compromisso para que essas práticas voltem a ter presença importante nas escolas e que possam prosseguir na vida de cada criança. Defender isso não equivale a mimar as crianças, prática que, em excesso, deforma seu caráter e personalidade; não significa fazer todas as suas vontades, deixando-a vulnerável para a vida adulta. Não equivale também a pensar que,

desde tenra idade, a auto-organização e os hábitos de trabalho não devam fazer parte da educação da criança. Ao contrário. Começar a aprender a se vestir e a se calçar por si próprias, arrumar sua cama, guardar seus brinquedos - que, aliás, em excesso, deseduca - e a ajudar a organizar e manter sua sala de aula em ordem, são passos essenciais para a criança compreender que vive em coletividade e que os seus desejos não podem ser ordens, mas sim que estão condicionados às relações próprias da sociedade humana, ou seja, na balança entre o "eu" e o "nós".

Acolher bem as crianças durante e depois da pandemia é um compromisso que devemos assumir como educadores e este livro contribui com essa reflexão. Depois que a pandemia terminar, o pior que poderia nos acontecer em termos de marcos civilizatórios, seria que tudo voltasse a ser como era antes. Pois isso significaria que nada aprendemos com ela e que não aproveitamos a oportunidade para melhorar a nós mesmos e a própria humanidade. Quando as escolas reabrirem, que todos nós saibamos acolher as crianças, que nossa dose de humanismo tenha crescido e que, assim, no

cotidiano de nossa prática profissional, façamos
nossa parte para um mundo melhor.

Marisa Bittar

Campo Grande, 19 de setembro de 2020.

PRIMEIRAS PALAVRAS

A trajetória de vida de uma pessoa corresponde às muitas experiências que adquire nas suas vivências e convivências que possui com àqueles que estão ao seu entorno. São as palavras alheias que nos constitui, assim sou permeada de vozes e entre essas vozes, estão dos professores Doutores Amarílio Ferreira Júnior e de sua esposa Marisa Bittar. No encontro com eles no primeiro ano do curso de Pedagogia pude compreender a importância do estudo como fundamento de uma prática educativa preocupada com a mudança social. Foram as suas palavras que me mobilizaram a estudar os fundamentos da Filosofia do Materialismo Histórico e Dialético.

Ainda nesse percurso de minha formação inicial no curso de Pedagogia da turma 99 (1999 a 2002) participei de muitos projetos em diferentes áreas do conhecimento estando de alguma forma no contexto da prática escolar. Participei de projetos de Educação Especial com crianças deficientes visuais e problemas

neuroológicos sob a supervisão da Profa. Maria da Piedade Resende Costa, participei de Projetos e Estudos na Psicologia do Desenvolvimento Infantil junto à Professora Sílvia Panico e também trabalhei na DICA- Divisão de Controle Acadêmico - todos na Universidade Federal de São Carlos - UFSCar. As indagações eram tantas que fui explorar a prática como professora iniciante de forma eventual no estado no antigo curso de Magistério. No último ano do curso de Pedagogia questões ligadas à ortografia me impulsionaram a curiosidade, já que palavras como "sexo" eram grafadas por meus alunos do Ensino Médio de diferentes maneiras, como "secssu"... a essa curiosidade muito me incomodava as metodologias opressoras usadas pelos professores e quase sem menção as possibilidades que aqueles jovens poderiam ter em seu futuro, como ingresso na universidade, o que nela tinha, as possibilidades de carreira... isso me fez lembrar o meu próprio percurso. Ainda que cidadã de São Carlos, com duas Universidades de "ponta" como a UFSCar e a USP, não sabia dos trâmites de estar lá...Com uma prática dialógica ainda sem saber muito bem o

que fazer consegui instigar a curiosidade de alguns jovens como professora eventual na mesma escola em que eu havia cursado o Ensino Médio... durante o mestrado (2002 a 2004) assumi duas salas de aula no Ensino Fundamental período de Alfabetização e ali iniciei o meus primeiros passos de professora e também pesquisadora. No Doutorado (2005 a 2009) conheci meu querido e amado esposo e as suas palavras alheias com o seu referencial Freireano, Bakhtiniano e Larrosiano também me constituíram. Fui com o seu apoio e acolhimento me descobrindo Professora no Ensino Superior, ministrando a disciplina na UAB-UFSCar "Linguagens: Alfabetização e Letramento II" desde a primeira turma de Pedagogia até o último ano do curso; fui professora substituta na UNESP-Rio Claro por quase 4 anos, fui professora na PUC de Campinas e Coordenadora de um Curso de Pedagogia da FATECE- Faculdade de Tecnologia, Ciências e Educação... tantas experiências me impulsionara a continuar esse diálogo tão importante entre teoria e prática que fui buscar conhecimentos com um Pós-Doc na Linguística sob a supervisão da Professora Maria Sílvia Cintra

Martins no Programa Pacto-PNAIC-Brasil-UFSCar. Nesse momento fui professora voluntária no curso de Linguística ministrando a disciplina "Linguagens e Cognição" em sua parceria. Nesse momento ingressei na Unidade de Atendimento à Criança-UAC-UFSCar me descobrindo professora da Educação Infantil.

Hoje com quase seis anos de prática, imbuída por muitas vezes, principalmente a de meu esposo, principal interlocutor, busquei novamente me aperfeiçoar realizando um Pós-Doc no Departamento de Educação sob a supervisão do Professor Amarílio Ferreira Junior. É nesse contexto que busco escrever essa obra, fruto de seis anos de muitas reflexões, de pesquisa, de tentativas e erros, e muitas e muitas alegrias.

Poliana Bruno Zuin

APRESENTAÇÃO DA OBRA

Ser professora na primeira infância é um privilégio e também um desafio a nós educadores. Um privilégio porque podemos acompanhar as aprendizagens e o desenvolvimento de cada ser em tão pouco tempo, dos balbucios ao andar, a retirada de fraldas e o conseguir colocar os sapatos sozinhos. Ver a todo momento a curiosidade no olhar dos alunos a cada descoberta. O equilíbrio do corpo e o controle desse corpo, as primeiras formas simbólicas, as leituras de mundo e as leituras das imagens, e tantas outras coisas maravilhosas que essa fase proporciona; um desafio, pois envolve confiança por parte da família, um estudo profundo de diferentes áreas do conhecimento acerca do desenvolvimento infantil e, por fim, a busca incessante por práticas bem sucedidas em relação ao cuidar e o educar.

Ser professora iniciante na educação infantil é se descobrir professor, é cometer falhas e também é ter práticas bem-sucedidas; é ter

inseguranças na tentativa de acertar sempre. É refletir sobre a prática e dialogar muito com outro professor. Nesse caso tenho a sorte e o privilégio de ser casada com um professor e que compartilha do mesmo referencial teórico, somos a palavra alheia um do outro, somos o olhar distanciado, e meu esposo, também professor do ensino superior é um dos protagonistas desse processo de ser professora iniciante. Foi ele quem me acolheu nesses anos difíceis, me deu o ombro nesses momentos, foi ele quem me fez enxergar novas possibilidades, foi ele quem me desafiava a superar os meus medos e me encorajava a testar novas práticas. Bakhtin (2003) nos diz que somos constituídos pelo outro e posso afirmar que sim e, se meu marido não fosse esse outro que me encoraja e me move a ser uma pessoa melhor eu teria desistido de tantas coisas, inclusive da docência na Educação Infantil. Bastava o fato de me mostrar gestualmente “estou aqui” que me encorajava a lutar e ser uma professora melhor.

Atuo como docente na Educação Infantil há apenas seis anos sendo, portanto, considerada uma professora iniciante (Tardif, 2002). Antes de

ser professora da Educação Infantil fui professora em salas de alfabetização, professora no ensino médio, professora de graduação e, professora em cursos de especialização, assumi um cargo de coordenadora no curso de Pedagogia em uma faculdade particular onde implementei Iniciação Científica e Projetos de Extensão, todavia ainda me faltava a experiência de estar junto aos pequenos da educação infantil. Como disse, era professora de disciplinas do desenvolvimento infantil, da aprendizagem infantil, de corpo e movimento na educação infantil, de linguagens na educação infantil, porém a experiência experienciada eu não tinha vivido ainda.

No ano em que cursava o meu primeiro pós-doutorado havia visto que um concurso para a educação infantil em uma universidade pública estava aberto, por isso resolvi prestar, afinal era um local onde eu gostava de estar, a universidade em que eu havia me constituído como professora, a universidade cujas vozes eu ainda dialogava, a universidade que me fez encontrar o meu amor e companheiro de vida, por isso a possibilidade de retornar a esse lugar tão conhecido me era muito

atraente. Após prestar o concurso e a difícil espera por ser chamada passei a fazer parte do corpo docente dessa unidade de educação infantil. Mas nem tudo ocorre como as nossas expectativas, que geralmente são altas para uma professora iniciante. Apesar das relações com as crianças serem muito harmoniosas comecei a me atentar que muitos conflitos escolares ocorrem no âmbito das relações escola-família, sendo o professor a linha de frente de tais conflitos. Esses conflitos envolvem em sua maioria os desejos intrínsecos dos pais na criação de seus filhos e a escola, uma vez que essa se depara com seus próprios preceitos advindos de teorias, práticas e legislações; já o professor se depara no confronto e diálogo entre a palavra da instituição em que atua e os desejos de quinze a vinte famílias diferentes que são atendidas por ele. De acordo com Huberman (2000), percebe-se que nesse encontro entre família e escola, o professor fica fragilizado e a instituição nem sempre é capaz de dar o suporte necessário aos professores que ali estão.

Todavia, conforme apontam Nono e Mizukami (2006), apesar dos obstáculos enfrentados, foi a partir deles que descobri novos caminhos, refletindo sobre os problemas vividos e procurando reavaliar a minha prática a cada momento. Resolvi então, no terceiro ano de minha estada nessa instituição apostar em projetos que envolvessem as famílias e que elas pudessem vivenciar a rotina junto a seus filhos passando a totalidade ou parte do período escolar com os seus filhos e comigo. A parceria escola e família se constituem como um verdadeiro ato educativo, pois as famílias não podem delegar à escola a educação de seus filhos e a escola e o professor devem deixar claro que a relação educativa se dá entre pares.

A fim de que pudéssemos ter um diálogo mais intenso fizemos um Caderno de Diálogos “Diário com as famílias” onde eu registrava sobre a criança e pedia para que eles no final de semana fizessem o mesmo a fim de que pudéssemos ir dialogando sobre o processo de ensino e aprendizado da criança, o que ela falava, como ela

estava interpretando o mundo, as coisas que ensinávamos, os conflitos, etc.

Iniciei esse diálogo, ao mesmo tempo em que procurava registrar por meio de fotografias as experiências das crianças em sala, a colocar na porta todos os trabalhos que fazíamos. Percebi que as famílias acreditam no nosso esforço e trabalho árduo somente quando há registros, principalmente, pela imagem, o que para mim é extremamente difícil, pois estando com crianças em média de 15 a 20 em atividades que demandam a atenção é impossível pegar a câmera para tirar fotos ou filmar. Mas, enfim consegui fazer os registros de alguns momentos. Essas questões, sobre a confiança mediante esses registros serão discutidas ao longo desse livro que há muito venho querendo explorar e compartilhar para que possa ajudar outros professores.

De acordo com Brostolin e Oliveira (2013, p.44):

(...) início da carreira docente é marcado por momentos decisivos e críticos para continuação ou para o abandono da profissão, isto dependerá, obviamente, do comportamento de cada sujeito, de suas limitações, determinações, dedicação e de como sua identidade se constitui no decorrer do tempo.

Em seus estudos Huberman (2000) aponta ainda que no encontro entre professor, família e escola, em determinadas situações, o educador pode ficar fragilizado e a instituição nem sempre é capaz de dar o suporte necessário nesse seu momento de descoberta e interação de um novo contexto pedagógico. De acordo com Monteiro (2004), "sobrevivência" relaciona-se as complexidades que envolvem o ambiente escolar, como os embates de concepções com os diferentes segmentos: pais, alunos, colegas, dirigentes.

Diante do exposto, é de fundamental importância, a fim de contribuir com as áreas de formação de professores e ensino-aprendizagem,

estudar como se dá a tessitura entre o trabalho do professor e as suas interações junto as famílias no contexto escolar da Educação Infantil. Para fins metodológicos os resultados da pesquisa de minha prática como professora iniciante na Educação Infantil, serão descritos e analisados de maneira a compartilhar os caminhos encontrados desde a minha contratação até este ano de 2020 na Unidade de Atendimento à Criança localizada na Universidade Federal de São Carlos (UAC-UFSCar). A fim de sobreviver e transpor conflitos, é que fui por meio de tentativas experimentais visando uma prática bem-sucedida, sanar os problemas decorrentes da interação professor-família para uma prática a partir da relação de parceria “professora-família”.

Nos meus quatro anos de trabalho na educação infantil na UAC-UFSCar foram coletados conjuntos de dados e informações recolhidos em diários relativos aos caminhos e resultados de minhas práticas pedagógicas junto as crianças e famílias, sendo algumas dessas atividades resultados de um conjunto de projetos de pesquisa (ex. bolsas de iniciação científica

fomentadas pelo CNPq-Brasil e apoio do Programa de Pós-Graduação em Linguística-PPGL para apoio e publicação dos resultados de pesquisa) e extensão promovidos pela minha instituição, sendo esse um dos materiais a serem analisados nesse estudo. De forma complementar foram entrevistados um grupo de famílias que interagi desde a minha entrada na UAC-UFSCar permitindo um aprofundamento em algumas áreas que envolvem questões delicadas e que o estado da arte ainda não contemplou, como por exemplo, a relação professor-famílias; aspectos e elementos que envolvem a aceitação do professor que atua na Educação Infantil pelas famílias; o acolhimento do professor e das famílias pelas escolas de Educação Infantil, etc. Essas informações permitiram a escrita desta obra, porém os dados serão utilizados em uma próxima obra. Essa pesquisa no ambiente da Educação Infantil busca fornecer subsídios sobretudo aos docentes iniciantes que muitas vezes acabam desistindo da docência e da carreira escolhida nos cursos de formação inicial, cujo percurso se dá muitas vezes de forma pouco confortável e acolhedora. Foi exatamente dessa forma que me

senti no segundo ano da docência na educação infantil. Devo dizer que o primeiro ano foi um ano muito profícuo, pois na primeira reunião de pais falei sobre a minha formação e aquilo que eu esperava desenvolver com as crianças e fui muito elogiada, inclusive por alguns pais universitários que me disseram que eu era a primeira professora daquela instituição que possuía conteúdo teórico e sabia exatamente aquilo que estava dizendo. Foi um ano em que os pais, em sua maioria, se envolveram nas atividades propostas de pesquisa junto com as famílias sobre temas gerados a partir do próprio grupo. Já no segundo ano, embora atuando com as crianças da mesma faixa etária, o contexto era outro em termos de desenvolvimento do trabalho e muito estava relacionado aos encaminhamentos da direção. Nesse ano, os pais tinham uma flexibilidade muito grande de horário de entrada e de saída o que prejudicava e muito o trabalho pedagógico, nem todos participavam dos projetos propostos e outro problema que enxergo é que algumas famílias não olhavam para sala como um todo e sim para as expectativas que possuíam em relação a sua criança. A fim de exemplificar, nessa

instituição, é praxe os pais trazerem as crianças das 7h45 min até às 8h20 ou das 13h45 até 14h20 min, nesse tempo de espera para as crianças chegarem e começarmos os nossos trabalhos eu comecei a ensiná-los a pularem corda e elas gostavam muito e pediam assim que chegavam; todavia, uma criança não gostava e nem queria aprender e, então, a mãe não queria mais que eu batesse corda. Esse é apenas um dos exemplos que encontramos nas escolas de educação infantil e que nos faz duvidar de nosso trabalho, duvidar da gente e que nos tornam fragilizados quando não temos o apoio institucional. Ainda nesses dois primeiros anos costumava tirar fotografias pontuais a fim de colocá-las nos portfólios das crianças e mostrar alguns exemplos de trabalhos nas reuniões de pais. Porém, fui percebendo que o recurso de fotografia e vídeos usados se constituía como documentação para dar fidedignidade ao trabalho... é como se o trabalho realmente tivesse acontecido se houvesse uma foto que o exemplificasse. Mais ainda, esses registros deveriam ocorrer em um tempo síncrono para envio... Os documentos como desenhos, artes e pesquisas expostos na sala não

eram suficientes, era preciso mais. Estas discussões serão retomadas em um capítulo específico para esse tema.

Estou expondo alguns conflitos não como catarse da superação, mas para mostrar ao leitor que todos nós encontramos os mesmos tipos de problemas e é normal nos sentirmos desprotegidos e precisamos encontrar forças oriundas de muita imaginação e trazer a família para a escola de uma maneira partícipe e não expiatória do trabalho docente.

É diante deste contexto que a obra está organizada em cinco capítulos. O primeiro busca abordar a trajetória de um Professor Iniciante, conforme aponta a literatura científica, como seus sentimentos, suas dúvidas, a importância do acolhimento pela escola e família e, por fim, caminhos para a sobrevivência em seu ofício de professor. O segundo capítulo constitui-se de um diálogo necessário entre Teoria e a Prática, a fim de que o processo de ensino e aprendizado se tornem significativos para as crianças pequenas. Investir em uma formação continuada e uma rede dialógica de apoio conceitual que permite pensar

em estratégias metodológicas é de fundamental importância a um professor comprometido com a aprendizagem de seus alunos. O terceiro capítulo invoca a importância da Parceria Escola e Família na Educação Infantil a fim de que ambas instituições possam encontrar acolhimento uma a outra em prol das crianças e de seu processo de aprendizagem e desenvolvimento. Objetiva-se ainda, nesse capítulo, trazer discussões pertinentes para a escola e, conseqüentemente, para o professor evidenciando a necessária ruptura do muro que a escola construiu para si própria. O quarto capítulo aborda o uso das Tecnologias de Comunicação, tais como o uso do WhatsApp como ferramenta de comunicação dialógica com as famílias. As mídias digitais como fotografias e vídeos também se constituem como recurso imprescindível ao trabalho do professor da Educação Infantil e permite que essa parceria e diálogo se concretizem e se alimentem no dia a dia das rotinas de trabalhos com as crianças na escola. No quinto capítulo da obra busca-se abordar sobre as Metodologias Construídas no Percurso do Trabalho Docente e como se delineou a documentação pedagógica em forma

de registro, bem como se delineou esse processo da família estar na escola. Por fim, no último capítulo trazemos algumas reflexões finais dando ensejo a novas reflexões e caminhos para pesquisas nesta etapa da Educação Básica, tão importante para o desenvolvimento da criança.

AUTORES

Prof.^a Dr.^a Poliana Bruno Zuin

Doutora e Mestre em Educação - PPGE - pela Universidade Federal de São Carlos, área de concentração em Metodologia de Ensino na linha de Processos de Ensino e Aprendizagem. Possui graduação em Pedagogia também por essa instituição - UFSCar. Realizou pós-doutorado no Departamento de Linguística onde foi professora voluntária. Coordena o Grupo de Pesquisa e Estudos: Práticas de Letramentos e Ensino e Aprendizado da Língua Materna. Atuou junto ao projeto durante o estágio pós-doutoral "A Tradução e os Novos Letramentos - Pacto Nacional para a Alfabetização na Idade Certa" com ênfase no uso de Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) na educação para o letramento digital - UFSCar. Participa como pesquisadora dos grupos de estudos "LEETRA", "Linguagem e Interação: o ensino à distância" e "Linguagem: teorias e práticas" do Departamento de Teoria e Prática da UFSCar. É docente do

Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFSCar - PPGL e da Unidade de Atendimento à Criança da UFSCar, no regime EBTT de dedicação exclusiva. Possui experiência na área de Educação, com ênfase em processos de ensino-aprendizagem da língua materna. Atua nos seguintes temas: processos de ensino-aprendizagem, formação de professores nas modalidades presencial e à distância, alfabetização, letramento, formação de extensionistas rurais e práticas dialógicas. Contato: polianazuin@gmail.com

Prof. Dr. Amarilio Ferreira Junior

Professor Titular do Departamento de Educação da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Realizou doutorado em História Social pela Universidade de São Paulo (USP) e estágio de pós-doutorado em História da Educação no Institute of Education da University of London (Bolsa FAPESP). É bolsista de produtividade em pesquisa do CNPq e credenciado no Programa de Pós-Graduação em Educação da UFSCar (mestrado e doutorado), com ênfase em História, Filosofia e Sociologia da Educação. No âmbito da pesquisa tem produzido nas seguintes temáticas de História da Educação: educação jesuítica colonial, políticas educacionais da ditadura militar, movimento sindical dos professores da escola pública e educação soviética. O professor-pesquisador defende a universidade pública, laica, gratuita e de qualidade. Contato: ferreira@ufscar.br

AGRADECIMENTOS

Agradecemos ao Departamento de Educação da Universidade Federal de São Carlos (DEd-UFSCar) onde está sendo realizado o estágio de pós-doutorado, sob a supervisão do Prof. Dr. Amarilio Ferreira Jr.

Agradeço a todas as orientadas de Mestrado, Iniciação Científica e Projetos de Extensão, aos voluntários e também às queridas estagiárias e auxiliares. Sinceros agradecimentos, pois vocês atuam comigo e em parceria desde o planejamento às atividades práticas do dia a dia da sala de aula.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	38
Cap. 01 O Professor Iniciante: sentimentos, dúvidas, acolhimento e caminhos para a superação	44
Cap. 02 A Teoria e a Prática: elaborando estratégias pedagógicas para o trabalho com as crianças	53
Cap. 03 A Parceria escola e família na Educação Infantil	89
Cap. 04 Uso das tecnologias como recurso para diálogo e registro: a fotografia e o vídeo como recurso imprescindível no trabalho do professor da Educação Infantil	101
Cap. 05 Metodologias construídas no percurso do trabalho docente: o registro e a família na escola	108
Cap. 06 Tecendo algumas reflexões finais	189
REFERÊNCIAS	195

INTRODUÇÃO

O histórico da Educação Infantil está intrinsecamente relacionado ao contexto social e político de cada país. No Brasil, apenas com a Constituição de 1988 é assegurado à criança o direito à Educação Infantil, sendo esta etapa marcada pelo assistencialismo, devido a entrada da mulher no mercado de trabalho. Diante desse cenário, a demanda das creches (de 0 a 3 anos e 11 meses) surgem devido à extrema pobreza e a saída da mulher de casa para o mercado de trabalho.

Todavia, a educação infantil é essencial para o desenvolvimento da criança se constituindo em um lugar de interação e socialização de crianças, complementar à ação familiar. Apesar da Constituição de 1988 assegurar à criança a Educação, assim como outros direitos fundamentais. Muitas vezes esses não passam de normas programáticas. Por essa razão, iniciativas políticas na esfera pública foram concretizadas a fim de assegurar a criança seus direitos, inclusive a educação infantil, tais como: o

Estatuto da Criança e do Adolescente (1990), a Lei Orgânica de Assistência Social (1993) e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (1996). Esse conjunto de leis visam a proteção da criança no âmbito da família e da comunidade, devendo haver um casamento entre essas duas esferas a fim de garantir à criança: educação, saúde, alimentação, proteção, lazer e respeito.

Mas qual o cenário das escolas de Educação Infantil, primeira etapa da Educação Básica? Na faixa etária de 0 a 3 anos temos as creches e as instituições que atendem crianças de 4 a 5 anos e 11 meses são denominadas de pré-escolas. Presenciamos a falta de qualidade nessas instituições relacionadas muitas vezes há um número muito grande de criança por adulto, bem como encontramos a falta de formação dos professores. Atrelado a esses pontos fundamentais, essa faixa etária é a mais complexa em termos de assecuridade do direito à educação, pois essa se circunscreve ainda ao assistencialismo, ou seja, ao cuidado e não ao educar. Nessa etapa do ensino, muitas vezes falta despreparo dos professores em relação a

conhecimentos específicos que demandam para um atendimento de qualidade. A fim de exemplificar falta a esses profissionais conhecimentos sobre como ocorre a aprendizagem e o consequente desenvolvimento infantil, a importância do brincar para o desenvolvimento psíquico, o desenvolvimento emocional, as práticas de letramento, e, por fim, os conteúdos a serem trabalhados. Diante deste contexto, é importante na educação infantil compreender que os processos cognitivos ocorrem na interação desde o nascimento, o que implica no planejamento de ações intencionais que façam com que o bebê se aproprie da cultura ao seu redor. Por essa razão, necessita-se de uma infra-estrutura (relações de ensino-aprendizagem por meio da mediação intencional) para que o bebê/criança aprenda e se desenvolva.

O trabalho pedagógico nesta etapa da Educação Básica deve favorecer a apropriação do conhecimento científico que fazem parte dos constructos culturais ao longo da história, entendida tanto na sua dimensão de produção nas relações sociais cotidianas e como produção

historicamente constituída. Educação infantil deve pressupor conhecimentos e afetos, saberes, valores, cuidados, atenção e acolhimento, assim como muitas brincadeiras, uma vez que essa se constitui como atividade principal da infância. O professor da educação infantil deve ser o mediador intencional a fim de assegurar a apropriação do conhecimento por todos que são sujeitos nessas interações.

Somado a essas questões de padrão de qualidade no Brasil nos deparamos com uma corrente muito forte de se pensar a Educação Infantil orientada por um viés Pós-Modernista de se pensar a instituição de Educação Infantil, cuja palavra escola não deve ser mencionada, assim como professor, aluno, conhecimento, conteúdo, enfim todo esse universo que se constitui as práticas de ensino que devem fazer parte dos ambientes formais de aprendizagem. Nesse contexto, a Educação Infantil sofre um *laissez-faire*, cuja criança aprenderia por suas próprias vivências, sem um planejamento e uma postura intencional e mediativa do professor. Nesse sentido, discussões sobre currículo e conteúdo

torna-se tenso nessa esfera educacional. Problematizar essas questões e traçar metodologias que envolvam professores e famílias a partir de uma parceria em prol do aprendizado e desenvolvimento da criança se constitui como premissa do trabalho do professor.

É nesse âmbito que essa obra se constitui e se firma, buscando traçar uma metodologia de trabalho com crianças da Educação Infantil em parceria com as famílias sob a ótica de uma professora iniciante. O trabalho aqui relatado como fruto dos diálogos propiciados pelo Pós-Doutorado, busca trazer subsídios teóricos e metodológicos aos professores da Educação Infantil que buscam acolhimento e repertório teórico e prático sob uma perspectiva à luz do referencial teórico e filosófico do materialismo-histórico, cujos autores de diferentes áreas do conhecimento são postos em diálogo a fim de suprir as necessidades prementes dessa etapa do ensino.

Este livro é resultado dos trabalhos desenvolvidos no estágio de Pós-doutorado no

Departamento de Educação da Universidade
Federal de São Carlos sob a supervisão do Prof.
Dr. Amarílio Ferreira Jr.

CAPÍTULO

01

O Professor Iniciante: sentimentos, dúvidas, acolhimento e caminhos para a sobrevivência

Todo o fantasma, toda a criatura de arte, para existir, deve ter o seu drama, ou seja, um drama do qual seja personagem e pelo qual é personagem. O drama é a razão de ser do personagem; é a sua função vital: necessária para a sua existência.

Luigi Pirandello

Como ressaltado no início dessa obra, a literatura sobre formação de professores, sobre professores iniciantes ressaltava as dificuldades que encontramos ainda que se tenha uma formação inicial, nos lembrando que falta a esses profissionais os denominados saberes da experiência.

Em sua formação inicial o futuro professor possui e/ou deveria possuir contato com diferentes perspectivas teórico e metodológicas o que o permite/permitiria refletir sobre as concepções de homem, mundo, linguagem, ensino e aprendizado que busca trazer para as suas ações práticas. Uma problematização que se coloca é que muitos profissionais que atuam na primeira etapa da educação básica também sofreram muitas perdas em sua trajetória educacional, inclusive nos cursos de formação inicial¹. Esse despreparo teórico acaba também muitas vezes trazendo desconfortos e dúvidas no seu ofício de professor.

Diante desse contexto, os conhecimentos adquiridos na cultura acadêmica e a legislação que rege o universo escolar, o professor tem que mobilizar e ainda conhecer diferentes culturas: a cultura da escola e os discursos do cotidiano presentes nelas (direção e colegas de trabalho), a cultura de cada criança e suas famílias. Nesse

¹ Não se busca alongar nas discussões relativas a problematização acerca das deficiências dos cursos de Pedagogia, sobretudo os que estão na modalidade à distância em muitas faculdades particulares.

processo, novo e repleto de aprendizagens o professor iniciante sente-se fragilizado e ainda que se tenha uma boa formação essa não garante o sucesso de suas práticas.

Conforme aponta Hubermann (2000), o início da docência é marcado por descobertas e sobrevivência. O autor diz que após esse período, o profissional adquire experiências que facilitam seu trabalho, esse período é chamado de estabilização, pois algumas metodologias são tecidas de maneira em que se inicia um processo de estabilização. Quando o professor é iniciante ele se depara com inúmeras situações que precisa dar conta e ter êxito: uma delas condiz ao seu relacionamento e interação com as crianças, a segunda refere-se às relações que estabelece junto às famílias e a terceira situação refere-se à direção e as relações entre os pares. Essas relações não são fáceis até para aquele professor considerado experiente. De acordo com Huberman (2000), é nesse encontro entre família e escola que o professor fica fragilizado e a instituição nem sempre é capaz de dar o suporte necessário aos professores de sua unidade. Alguns autores, como Brostolin e Oliveira (2013)

nos dizem que esse momento na carreira do professor é decisivo para o abandono ou a continuação de sua profissão como docente, dependendo é claro de cada sujeito, de suas limitações, determinações, dedicação, etc.

Mas o que nos faz superar esse fracasso? Acredito que primeiramente o compromisso com a Educação que fizemos em nosso juramento ao formarmos em Pedagogia; em segundo lugar, o compromisso firmado entre professores, alunos e familiares; em terceiro lugar, o nosso compromisso político como agentes de transformação social; e, por fim, a nossa garra em superar as nossas próprias fraquezas em busca de um "ser mais". Com um distanciamento de pelo menos quatro anos em relação ao ano difícil experienciado por mim, consigo agora fazer uma análise dos motivos do por que eu insisti a continuar... não era falta de opção, uma vez que o antigo diretor da Faculdade em que eu trabalhava deixou as portas abertas para que eu voltasse, não era falta de opção, uma vez que bem formada eu poderia prestar concursos públicos de cargos efetivos e de professores substitutos,

não era falta de opção, porque poderia concorrer a editais de Pós-Doutorado... Muitas vezes as situações opressoras nos impedem de fazer aquilo que acreditamos, ainda mais no início de nossa carreira.

Conforme Bourdieu (1975), a escola se constitui em relações de poder e podemos observar o quanto essas são complexas demandando muitos estudos. De acordo com o autor, há um jogo de dominação e reprodução de valores presentes na escola que vão muito além do capital cultural. A dominação legal, conceito utilizado por Marx Weber (1995), autor que inspirou os constructos de Bourdieu, nos fala da hierarquia existente na escola, alunos que obedecem a docentes, que obedecem coordenação e direção. Neste contexto, muitos docentes iniciantes sofrem abusos de poder. Há relações de poder presentes entre os próprios colegas e demais membros da equipe escolar e nas sutilezas dessas relações ocorrem inúmeras aprendizagens.

Diante do exposto, a experiência conquistada pelo professor iniciante é definida

por Larrosa (2002) como aquilo que nos toca e nos forma e nos trans-forma. É por meio desses dissabores, dessas limitações que surge a necessidade de se mobilizar para encontrar saídas em busca daquilo que nos dá prazer, ou seja, o ato educativo.

Tendo a professora experienciado tudo o que a literatura traz sobre professores iniciantes, bem como essas indagações a respeito dos trabalhos é que se instituiu a documentação pedagógica para a sobrevivência em relação as interações existentes no ambiente escolar da Educação Infantil.

De acordo com Dahlberg (2016, p.229, 230 e 231) in Edwards, Gandini e Foram (2016), na obra denominada "As Cem Linguagens da Criança - a experiência de Reggio Emília em transformação", a documentação pedagógica se constitui como uma maneira de tornar o processo "visível ao diálogo, interpretação, contestação e transformação". A documentação pedagógica promove a ideia de escola como um lugar de prática política e democrática, fazendo com que todos se envolvam nas questões relativas "à

infância, o cuidado infantil, a educação e conhecimento". É ainda, uma prática que se configura como um espaço público, pois se inicia a partir de uma escuta ativa àquilo que quer se fazer ouvido, o que implica em uma relação ética do encontro com o outro e o mundo. Ainda conforme o texto do autor, os professores devem estar abertos às experiências com as crianças, visualizando a documentação pedagógica como resultado de nossas próprias ações na busca de se criar significados. A documentação ainda instaura muitas questões que se colocam às práticas docentes, como exemplificação, temos: qual a imagem que devemos ter da criança?; quais relações estão envoltas ao processo de ensino e aprendizado de nossas práticas?; e, por fim, quais os direitos e respeitos que damos as nossas crianças? Conforme aponta o autor, a conscientização a respeito de nossas práticas é que nos levaria a mudanças significativas de instaurar novas relações. Pensando na figura docente e a reflexão sobre as suas próprias ações, tal como evidenciaram Tardif e Schon (2000) nos estudos referentes à formação do professor, a documentação permite ao docente revisitar a sua

prática como um registro vivo, o que o permitiria criar memórias e ressignificá-las a partir de novas interpretações, contribuindo para a construção de novas teorias e propostas metodológicas relativas aos processos de ensino e aprendizado.

É neste contexto de produção da documentação pedagógica permeado de vozes e palavras alheias e que me permitiram instaurar a palavra outra como palavra minha, contidas nas definições de Mikhael Bakhtin. De acordo com Miotello (2018), ao fazer referências aos estudos de Augusto Ponzio, a premissa do outro que nos constitui em uma relação de alteridade nos liberta da prisão do eu como identidade, enfatizando que quem pode nos tirar da prisão do "eu" é o outro que "tira desse meu lugar de ser sempre o mesmo, ele vai me constituindo único em cada relação de alteridade". Ainda em diálogo com os autores a partir dos estudos Bakhtinianos, cabe ao "eu" colocar-se no exercício da escuta, porque sou constituído pelo outro, "sendo esta a atitude mais fundamental do ser humano" (Miotello, 2018, p.25). E à escuta atenta, surge a segunda atitude do ser humano: o ato responsivo.

A responsividade faz parte desta atitude de escuta sensível e atenta, pois "toda palavra é prenhe de resposta", até mesmo o silêncio se torna um ato responsivo àquele que fala. Desta maneira, a reciprocidade na relação e interação demanda estar atento a fala do outro.

Diante desta tessitura vislumbramos a documentação pedagógica e as práticas de letramento familiar e as próprias relações entre docentes e famílias como caminho para um processo de ensino e aprendizagem significativo para a criança e, sobretudo ferramenta para o exercício da docência.

CAPÍTULO

02

A Teoria e a Prática: elaborando estratégias pedagógicas para o trabalho com as crianças

“Todas as pessoas tomam os limites de seu próprio campo de visão, pelos limites do mundo.”

Arthur Schopenhauer

Todas as teorias que fundamentam os processos pedagógicos possuem uma visão de:

- Sujeito (como o sujeito se constitui, aprende e se desenvolve);
- Linguagem (o grau de importância da linguagem para a formação do indivíduo); e
- Mundo (como os homens se relacionam com o mundo).

Sabemos que toda teoria embasa uma prática e os saberes da experiência tecem o mesmo movimento permitindo que pesquisadores possam elaborar novas teorias. Ao longo de meus estudos na graduação, mestrado, doutorado e pós-doutorado me aprofundei nos teóricos que são orientados pela filosofia do materialismo histórico e dialético, vale lembrar que o Professor Amarilio Ferreira Jr e sua querida esposa Marisa Bittar (professores do Departamento de Educação da UFSCar) foram responsáveis pela escolha deste referencial. Ainda na graduação me aprofundei na Pedagogia de Celèstian Freinet, de como ele entendia a aquisição do desenho e da escrita, as suas técnicas pedagógicas, tais como os ateliês. Nessa busca por melhor compreender a aquisição da linguagem, minha orientadora Profa. Dra. Claudia Reis (professora do Departamento de Metodologia de Ensino da UFSCar), me instruiu a estudar os autores da teoria histórico e cultural, como Vygotsky, Luria e Leontiev, então passei a compreender a categoria de mediação, o signo

como instrumento de nossa consciência, o brincar e o gesto como movimentos necessários para a aquisição do desenho e da escrita. E, ainda, como a interação é fundamental para a aprendizagem e, posterior, desenvolvimento. Aprofundando ainda mais nesses estudos me deparei e me inseri no Grupo de Estudo dos Gêneros Discursivos- GEGE presidido pelo querido professor Valdemir Miotello (professor do Departamento de Letras e Linguística da UFSCar) com um autor da Filosofia da Linguagem que compartilha da mesma base teórica: Mikhail Bakhtin. Com esse teórico pude compreender a linguagem como constituída da nossa consciência, como a palavra alheia nos constitui e como a alteridade é fundamental para a construção do nosso eu que está em constante mudança e transformação. A dialogia presente em Bakhtin mostrou-me as vozes que dialogamos com outros "textos" tecidos por escritores, por pais, companheiros, filhos e também na intertextualidade que vai ao encontro da dialogia e dos diálogos problematizadores trazidos no trabalho de Paulo Freire. Já casada com o meu marido e também professor Luís Fernando Soares Zuin (Professor da USP) me apropriei de Paulo

Freire que veio dialogar com todos os demais autores ora aqui apresentados.

Em meu primeiro estágio de Pós-Doutorado conheci a professora Maria Sílvia Cintra Martins que me apresentou os “Estudos do Letramento” que hoje se constituem prática de minha rotina com as crianças.

São essas vozes, imbuídas de palavras alheias que me constituem como mulher, mãe, esposa, professora, educadora e formadora.

A fim de melhor exemplificar como esses autores me ajudaram nesse processo de pensar a prática utilizarei as principais categorias de cada um para exemplificar:



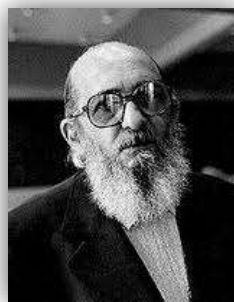
Freinet



Vygotsky



Bakhtin



Freire

2.1

FREINET e as tentativas experimentais via Método Natural

Celestian Freinet (1896-1966), nasceu em 15 de outubro, no sul da França em um vilarejo chamado Gars. Coursou Magistério na escola Normal de Nice no período das duas guerras mundiais, tendo que se alistar em 1914, interrompendo os estudos e sofrendo graves sequelas em seus pulmões. Foi fortemente influenciado pela teoria Marxista e também pelos ideários da Escola Nova, o que torna a sua Pedagogia denominada Moderna. Sua

Pedagogia para o Povo traz como preceito uma educação livre do autoritarismo, mas um processo em que se valoriza a liberdade, a autonomia e a responsabilidade. Em 1920 inicia a sua carreira como professor em Bar-Sur-Loup, mas como não tinha experiência anotava o que ouvia de seus alunos descobrindo interesses das crianças. Conhece nesse mesmo local Elise Bruno, uma artista plástica e companheira de vida. Nesse mesmo local criou uma cooperativa de professores para troca de correspondências escolares. Cria nesse mesmo espaço uma revista com Poemas Infantis. Em 1947-48 cria um Instituto Cooperativo da Escola Moderna (ICEM), associação voltada à pesquisa. Falece no dia 8 de outubro de 1966.

A Pedagogia Freinet é composta por muitas técnicas pedagógicas que auxiliam o trabalho do professor da Educação Infantil, sendo elas: aula-passeio, livro da vida, alfabetização por meio da imprensa e a criação de jornais cujos textos e ilustrações são feitos pelas próprias crianças. A base da Pedagogia Freinet é a tentativa experimental. O processo da tentativa

experimental de acordo com o autor, pressupõe um meio pedagógico de formação de possibilidades, de observação de experiências e de uma atitude cooperante.

Posto isto, para Freinet a aprendizagem da criança deve partir da ideia, da coisa sensível que se traduz por gestos, depois por sons, que lentamente tomam forma, segundo o processo da tentativa experimental. Desta forma, a afetividade e a significação são fatores essenciais para a aprendizagem. Freinet diz ser mister acabar com o hiato existente entre a escola e o meio, sendo assim, necessário integrar técnicas (redação, desenho e escrita) à vida dos educandos.

No capítulo inicial de seu livro "Método Natural I: aprendizagem da língua", o autor contrapõe o Método Natural ao Método Tradicional, dizendo que a escola tradicional ensina uma moral verbal sem qualquer influência no comportamento das crianças, visando apenas consolidar e justificar as práticas escolásticas de obediência passiva e instrução dogmática. Assim, o autor diz ser necessário sairmos deste quadro escolar, caminhando num sentido ousado de uma

forma prática e construtiva do ensino moral pela cooperação sob todas as suas formas, pela organização normal do trabalho e o estabelecimento de relações mais humanas entre professores e alunos num meio pedagogicamente favorável.

Freinet diz que a aquisição da linguagem, da escrita e da leitura se dá principalmente pela necessidade que o ser humano tem em adquirir um máximo de poder sobre o meio que o rodeia. Isto é, o ser humano é animado por um princípio de vida que o empurra incessantemente a crescer, a aperfeiçoar-se, a pegar em instrumentos e mecanismos, tornando-os técnica de vida.

Em relação à aquisição da linguagem, Freinet diz, que o indivíduo experimenta uma espécie de necessidade, não só psicológica, mas também funcional, de harmonizar os seus atos, os seus gestos, os seus gritos com os dos indivíduos que os cercam. Assim, todos os desacordos, as desarmonias são sentidas como uma não integração, uma causa de sofrimento. Posto isto, em virtude desta “lei de ressonância”, é natural que a criança que queira crescer em poder se

esforce por colocar seus gestos, seus gritos, em uníssono com o comportamento e as palavras de seu ambiente. Esta conquista, Freinet diz que ocorre através da tentativa experimental. Segundo o autor, no seu esforço natural para pôr os seus gritos em uníssono com os gritos do ambiente, a criança, experimenta sucessivamente todas as possibilidades fisiológicas e técnicas, todas as combinações que o seu organismo autoriza, por exemplo: movimento da língua e dos lábios. Assim, as crianças repetem e utilizam, as tentativas conseguidas, pela repetição sistemática, utilizando como regras de vida. Portanto, a imitação perfeita de vários sons é o resultado de um número maior ou menor de experiências, pois o indivíduo (adulto ou criança) nunca se poupa a esforços quando toda a sua vida está comprometida.

A prova de que só existem neste caso, tentativas experimentais, e não construção sistemática, é que nunca nenhuma criança chegará a imitar perfeitamente uma linguagem se a ouvir imperfeitamente. Assim, a criança imita tanto os defeitos como as qualidades, ou seja,

põe-se em uníssono com a expressão ambiente, daí a persistência de sotaques, dos idiomas locais, como também as variedades linguísticas, tão bem referendadas pelos estudos de Marcos Bagno, com as suas obras: "Preconceito Linguístico: o que é? e como se faz?" e "A língua de Eulália", além de muitos outros títulos.

Com relação à escrita, o autor a define como a transcrição material de um pensamento expresso pela linguagem. Nesse sentido, o Método Natural ocorre também com a aquisição da leitura e da escrita, que são uma segunda etapa deste processo.

A escrita para o autor, também não passa de uma necessidade que a criança tem de possuir um poder sobre o meio, já que ao seu redor ela vê várias pessoas tendo o domínio da escrita. Desta forma, a aquisição da escrita se dá pela imitação, que a criança aperfeiçoa até ter tal domínio. Para tanto, a Pedagogia Freinet utiliza-se de técnicas de aprendizagem que sejam significativas para a construção deste conhecimento. A exemplo destas técnicas temos a correspondência, o desenho, a utilização da

imprensa, texto livre, etc. Para melhor compreensão de como se dá o processo de aquisição da escrita e da leitura, o autor contrapõe o Método Natural ao Método Tradicional. A aquisição da escrita, de acordo com Freinet, não se dá como no Ensino Tradicional, isto é, através da combinação de vogais e consoantes (b+ a = ba), formação de sílabas e, posteriormente, palavras, sem relação com a expressão ou compreensão da linguagem escrita. No Método Natural, o autor diz que tanto a leitura como a escrita, são em primeiro lugar, expressão e comunicação, pela interpretação de sinais escritos, daí serem formas de interação social. Pelo Método Natural, a criança lê e escreve antes de estar na posse dos mecanismos de base, porque tem acesso à leitura por outras vias, como: sensação, intuição, afetividade no meio social que dali em diante penetra, anima e ilumina o meio escolar. Pelo Método Natural, a criança consegue ler e escrever sem lição especial, pela vida, no meio escolar e social, servida e refletida pelas técnicas desta Pedagogia. Destarte, a escrita é a transcrição do pensamento. E a leitura é a possibilidade de cada indivíduo poder entrar em

contato com outros pensamentos, poder compreendê-los e interpretá-los.

Trazendo os conceitos desse autor para a prática busquei utilizar de suas técnicas para a compreensão da escrita do próprio nome e das letras que denominamos em sala de “Letras do meu nome e do meu mundo”. Essas técnicas já utilizadas por Freinet, fazem parte do referencial sociocultural dos “Estudos dos Letramentos”, de maneira que muitas relações com Freinet e Paulo Freire podem ser tecidas para falarmos sobre letramentos, projetos de letramentos e práticas de letramento, como veremos adiante. As crianças passaram a reconhecer seus nomes em crachás, cabideiros para as suas mochilas, canecas para tomar água, tecer relações com os nomes dos amigos e de familiares, tudo de uma maneira natural, sem utilizar-se do método tradicional. A prática em sala de aula incluiu as aulas-passeio, técnica desse autor para aprender a observar e experienciar, a fim de suscitar discussão, incluiu a aprendizagem para a autonomia em pequenas ações e o trabalho em grupo, visando a cooperação. O recurso do “Livro

da Vida” também é utilizado de formas diferentes que serão exploradas no capítulo 5 desta obra.

2.2

Vygotsky e os processos meditativos

Vygotsky nasceu em 1896 em Orsha, na Bielo-Rússia e faleceu em 1934 aos 38 anos. Concluiu seus estudos em Direito e Filologia na Universidade de Moscou, em 1917. Estudou Medicina. Lecionou Literatura e Psicologia em Gomel. Trabalhou no Instituto de Psicologia de Moscou. Fundou o Instituto de Defectologia. De 1925 a 1934 lecionou Psicologia e Pedagogia em Leningrado e Moscou. Ele foi ignorado no Ocidente e sua obra foi suspensa na ex-URSS de 1936 a 1956, na época de Stalin. A Psicologia de Vygotsky foi construída para atender ao novo regime que se instalara na ex-URSS. A ex-URSS passava por uma mudança política e governamental, pós-Revolução de 1917. No começo do século XX, a Rússia era um país de economia atrasada e dependente da agricultura, pois 80% de sua economia estava concentrada no

campo. Os trabalhadores rurais viviam em extrema miséria e pobreza, pagando altos impostos para manter a base do sistema czarista de Nicolau II. Começava então a formação dos soviets (organização de trabalhadores russos) sob a liderança de Lênin. Os bolcheviques começavam a preparar a revolução socialista na Rússia e a queda da monarquia, com a Revolução de 1917. Instaura-se o Socialismo de Lênin. A Psicologia necessitava atender a esse novo regime.

É nesse contexto que Vygotsky constrói a sua teoria denominada Psicologia Histórico-Cultural. Semelhante ao uso do instrumento como objeto mediador do trabalho, o autor busca descrever a mediação pelo uso dos signos e como esses constituem a nossa consciência e o nosso pensamento. O autor enfatiza a importância da linguagem como processo de interação entre a criança e aqueles que estão ao seu redor. Ele diz que a criança na tentativa de interagir com aqueles que estão ao seu redor vai se apropriando dos gestos daqueles que convivem com ela, por exemplo, pelo fato da mãe designar

os objetos ao seu redor é que a criança vai aprendendo a denominá-los e passa a apontar, a balbuciar e, posteriormente, a falar, a brincar, desenhar e escrever.

O autor nos fala que a criança aprende com aqueles que estão ao seu redor por meio de processos mediativos. Os mediadores são qualquer pessoa ou objeto que faz com que a criança possa aprender algo, por exemplo: a cultura, os pais, a escola, o professor, o amiguinho, um livro, a televisão, etc. Alguns autores dizem que os pais e os professores devem ser mediadores intencionais, ou seja, devem saber os objetivos e as finalidades de suas ações. A aprendizagem, segundo Vygostky, levaria ao desenvolvimento da criança. O autor nos fala que toda criança e toda pessoa consegue realizar alguma coisa, para esse evento, ou seja, para aquilo que já somos capazes de fazê-lo denominou de "Zona de Desenvolvimento Real". O autor ainda nos fala que todos nós temos um potencial para aprender, em um processo contínuo, de forma que esse evento ele denominou de "desenvolvimento potencial". Para

que possamos ajudar uma criança a aprender aquilo que ela ainda não sabe, o autor nos fala que devemos atuar no que ele denomina de "Zona de Desenvolvimento Proximal"- ZDP - que nada mais é do que mediar intencionalmente, por meio da interação e parceria a fim de ajudar a criança a aprender aquilo que lhe era potencial para que se torne real.

Desta maneira, como professora de crianças todos os dias colaboramos com processos mediativos para que a criança aprenda algo novo e para aquilo que lhe era potencial se torne real, como a ajuda para esboçar por meio de seus traços os objetos que estão ao seu redor. O principal objeto mediador de minha prática tem sido os livros. O livro é um recurso diário que utilizo em minha rotina, tanto para estimular diálogos sobre possíveis temas que quero abordar com as crianças, como também para suscitar problematização de temas que estão ocorrendo. A leitura possui inúmeras finalidades em minha prática e veremos isso mais adiante em um capítulo que falarei especificamente sobre ela.

Outra categoria fundamental que aparece em Vygotsky é a brincadeira como atividade principal para a formação da criança. É pela brincadeira que ela se apropria da cultura do mundo adulto, é pela brincadeira que ela compreende as regras sociais e elabora outras, é pela brincadeira que altera a função objetiva dos objetos a sua volta, é pela brincadeira que se apropria dos signos, e é pela brincadeira que ganha a destreza e a habilidade para desenvolver atividades plásticas, de desenho e, posteriormente, de escrita.

Conforme a teoria Histórico-Cultural, a formação da personalidade da criança se constitui por três momentos importantes que estariam ligados às "atividades principais", a qual denominou Leontiev (2001). Sendo a primeira, os jogos e brincadeiras como atividade principal da infância, cujas brincadeiras simbólicas permitem que as crianças se apropriem dos papéis sociais do mundo adulto; a segunda atividade principal é a idade do escolar, pois conforme aponta o autor, é a primeira vez que a criança assume uma responsabilidade social, a de estudar; o terceiro

momento é marcado pela entrada do jovem no mercado de trabalho.

Vygotsky também se ateu a estudar a formação e o desenvolvimento do conceito na criança. O conceito, conforme aponta é o significado da palavra, ou seja, significado cunhado socialmente e culturalmente. O autor então tece relações de como a criança vai se apropriando desse mundo sígnico demarcando três momentos no desenvolvimento do conceito: pensamento sincrético, pensamento por complexos e, por fim, pensamento por conceitos (abstrato). Ao que se refere a esses momentos, o autor destaca que ao nascer um mundo sígnico é apresentado ao bebê pelo gesto de apontar e pela mediação daqueles que estão ao seu redor... em um primeiro momento as coisas se apresentam como um amontoado de coisas (pensamento sincrético) que em seguida vão se distinguindo por relações de semelhanças, mas principalmente pela diferenciação entre elas (pensamento por complexos), por fim, surge os processos de abstração e categorizações que nos leva a se apropriar do conceito (pensamento por

conceitos), embora ressalta que mesmo adultos, operamos muitas vezes por pseudo-conceitos. Para se apropriar desses conceitos o autor enfatiza a necessidade de aproximarmos os "conhecimentos do cotidiano" ou espontâneos aos "conhecimentos científicos". Conforme relata, essa aproximação permitira que se estabelecesse um processo de significação.

Diante dessa explanação de apropriação da palavra/conceito, o professor deve conhecer essa "leitura de mundo", tal como evidenciou Paulo Freire. Quais conhecimentos espontâneos meus alunos trazem de seu cotidiano? Tendo essa questão norteadora ele poderá utilizar-se de instrumentos mediadores para aproximar esses conhecimentos aos científicos. Daí a importância da interação e a parceria estabelecida com as famílias. Essa parceria possibilita ainda que a criança tenha mais confiança no ambiente que se encontra, pois aos dois anos de idade ela começa a se perceber no espaço e, por essa razão é importante que o espaço escolar também tenha coisas que remetem ao seu espaço familiar, como

fotografias das famílias, de seus animais de estimação, etc. Vejamos um exemplo.

Imagem

01

fotografias da família



foto acervo da autora

Para que as crianças se sentissem seguras em seu espaço, no ano de 2020, foi pedido às famílias fotografias de cada família e dos animais de estimação da criança, dos avós, etc.

Em outros anos, utilizei as fotografias das famílias de outras maneiras, com porta-retratos feitos de palitos de sorvete e até mesmo molduras de caixa de sapatos.

Da mesma maneira é importante que os pais conheçam o ambiente e se sintam seguros em relação a ele, somente assim diminui o estresse que muitas famílias sentem ao deixar as crianças na escola pela primeira vez. Conhecer o trabalho do professor e a dinâmica dele em sala é fundamental para estreitar laços entre o professor, a família e a escola.

Projetos em que a família esteja presente no cotidiano escolar também traz benefícios ao processo de aprendizagem e desenvolvimento da criança, pois permite que ela e sua família vivenciem e experienciem momentos prazerosos junto aos colegas e aos professores, o que fortalece laços entre essas duas instâncias.

2.3

Bakhtin e a sala de aula

Mikhail Bakhtin nasceu em 1895 em uma cidade provincial chamada Orel e morreu em 1975, na capital da Rússia, Moscou. Pertencia a uma família nobre que valorizava muito a educação, iniciando a sua vida acadêmica em Odessa em 1913. Todavia, deixou o curso superior um ano após, para reiniciá-lo em Petrogrado, onde matriculou-se no curso de estudos clássicos da Faculdade Filológico-Histórica. Bakhtin, filósofo russo, construiu um aporte teórico mostrando-nos como o outro que nos constitui pela alteridade pode ser um importante teórico para nós, professores.

Para o pensamento Bakhtiniano é a natureza social, dialógica, da linguagem, o instrumento de mediação entre o homem e a natureza e dos homens entre si. Assim como para Vygotsky (2001), a comunicação ocorre mediante a linguagem, por isso a linguagem é atividade constitutiva da nossa consciência. A linguagem, assim como para a Teoria Histórico-Cultural se

manifesta por meio de gestos, oralidade, desenho escrita, o que o autor vem a chamar de texto. O autor enfatiza ainda, que nos comunicamos por meio de Gêneros Discursivos. Os gêneros fazem parte dos nossos discursos e estão atrelados aos diferentes campos de experiência. O autor vai abordar a utilização dos gêneros tanto no discurso oral ou como no discurso escrito. Com relação aos gêneros ele nos diz que esses são compostos por um conteúdo temático, por uma estrutura composicional e pelo estilo. Desta maneira, temos diferentes Gêneros Discursivos na oralidade e na escrita, falamos de uma forma na academia diferente da maneira que conversamos com os nossos familiares, utilizamos diferentes formas de texto escrito, a dissertação, a narrativa, o conto, a receita, etc. Os gêneros são marcados por esta estrutura e cabe a escola ofertar por meio de práticas de letramento a utilização da língua viva, nesta multiplicidade de formas.

Falamos por meio de determinados gêneros do discurso, isto é, todos os nossos enunciados possuem formas relativamente estáveis e típicas de construção do todo do

enunciado. Segundo o autor, falamos sob o enfoque de determinados gêneros, ainda que o desconhecamos em termos teóricos, pois os gêneros nos são dados quase da mesma maneira que nos apropriamos da língua materna. O conhecimento da língua materna ressalta Bakhtin (2001), se dá pela forma de enunciações concretas que ouvimos e reproduzimos na comunicação viva com as pessoas que nos rodeiam, assim, as formas da língua e as formas típicas de enunciados ou gêneros do discurso chegam à nossa consciência em conjunto. Bakhtin diz que a cada interação vamos nos transformando e mudando o nosso olhar perante o mundo e perante a nós mesmos. Esse outro ele denomina de “palavra alheia” que vai se tornando nossas próprias palavras. E é nessa relação de escuta e responsividade que vamos nos constituindo no que ele chama de alteridade.

Nessas relações de alteridade, vamos nos constituindo como seres inacabados e incompletos e essas vozes constituem esse eu, que se modifica. É possível perante os processos discursivos verificar as vozes que tecem a nossa

história pessoal. Portanto, é fundamental que o professor tenha um bom preparo ético e moral dentro da diversidade de ideias, gêneros e classe, a fim de que as crianças possam ser formadas para a diversidade e não imbuídas de preconceitos. Ser professor exige uma mediação intencional constante, pois o professor é o “outro” da criança e é com ele que aprende os gestos, os comportamentos, os valores e as atitudes. Os primeiros mediadores da criança são a família, mas os professores também são fundamentais nessa constituição da criança.

Visto isso, o ato de ler, de colocar temas a serem problematizados na roda se constituem como elementos fundamentais para que se instaure a dialogicidade, uma vez que as vozes contidas nas histórias lidas tomam forma nas atitudes das crianças, nas brincadeiras que tecem, no relato que fazem, na vida que se forma e transforma. Há de se ressaltar que Bakhtin vai ao encontro do que Vygotsky tece em relação a palavra que nos constitui por constituir a nossa consciência e o nosso pensamento. Eles nos dizem que a palavra evoca sempre o significado

histórico e cultural elaborado pela humanidade, mas as palavras também se confrontam com as nossas experiências pessoais, o que eles denominam de sentido pessoal.

Bakhtin diz que a nossa consciência está impregnada de signos ideológicos, portanto é uma arena. Os signos refletem uma realidade (que podemos colocar como os significados construídos historicamente) e refratam uma outra realidade (sentidos pessoais). E é nesse encontro que os interlocutores buscam criar um horizonte de significação. Assim, o signo em forma de texto, expresso em um contexto, não se deve dissociar com as formas de interação da relação "eu-outro". Para que haja uma unidade de significação, para que ambos possam compreender e entender deve-se possuir: um mesmo horizonte espacial compartilhado; um ambiente social compartilhado; um conhecimento e compreensão comum e; por fim, compartilharem a valoração.

Bakhtin (2001) em sua obra *Estética da Criação Verbal* enfatiza que a compreensão se dá apenas na relação e o entendimento em um nível

individual. Estamos a todo tempo buscando compreender o outro, apreender os sentidos deixado pelo outro, seja na interlocução, seja na leitura de uma obra, onde a voz do autor está presente, ainda que essa dialogia não seja face a face.

Diante dos estudos da teoria Bakthiniana, analisar a diversidade, o singular e como cada criança vai se apropriando e somando as experiências que possui no mundo e nas relações que possuem constituem-se como pontos de partida para que se possa colaborar com um ensino sistemático.

2.4

Paulo Freire e a Educação Infantil

Paulo Freire, pernambucano, nasceu em 19/09/1921 na cidade de Recife (PE). Foi alfabetizado em casa, debaixo das mangueiras do quintal.

“Minha alfabetização em nada foi enfadonha, porque partiu de palavras e frases ligadas à minha experiência, escritas com gravetos no chão de terra no quintal.”

Aos 10 anos, muda-se para Jaboatão, onde passa sua adolescência e seu interesse pela Língua Portuguesa. Aos 22 anos ingressa na Faculdade de Direito de Recife, mas não chega a exercer a profissão, pois sente enorme dor e desconforto em seu primeiro em seu trabalho em que deveria pegar os bens de uma família, cujo pai diz assim: “pode levar tudo menos a minha família”. Nesse momento, ele decide por não exercer a sua profissão e se casa com Elsa uma professora primária com quem teve cinco filhos e constituiu como a sua palavra alheia em sua trajetória de educador. Passa a ensinar a disciplina de Língua Portuguesa no Colégio Oswaldo Cruz, dizendo: “quando comecei a lecionar criei dentro de mim a vocação de ser professor”. Em 1947 ele é contratado como diretor do SESI no setor de Formação de Jovens e Adultos. Em 1958 participa de um Congresso no Rio de Janeiro trazendo seus

ideários revolucionários de que a alfabetização deve estimular o adulto a participar da vida social e política. Em 1964 passa a coordenar o Programa Nacional de Alfabetização de Jovens e Adultos, trazendo um método conhecido como 40 horas de esperança. Seu método está descrito nesta obra denominada “40 horas de esperança” em que é descrita a experiência em Angicos, uma cidade com o menor IDH na época. Vale destacar que um levantamento vocabular a fim de se instaurar o círculo de cultura, os temas geradores, a equipe constatou que aquela população tinha em seu universo vocabular somente 400 palavras e frases dolorosas de se ouvir faziam parte do cotidiano daquela população que vivia em extrema miséria. Em 1964 com o Golpe Militar seu método é considerado subversivo, então ele é exilado. No Chile Paulo Freire escreve uma obra de fundamental importância para os trabalhos dos educadores do meio rural, obra essa denominada “Comunicação ou extensão?”. Vale ressaltar que enquanto Freire estava exilado, outros países tomaram conhecimento de seu referencial teórico e metodológico e ele ficou conhecido em Harvard, Genebra e em outras

localidades que reconheceram a sua importância. No Brasil, no entanto, os estudos de Paulo Freire não foram valorizados, inclusive nos cursos de Pedagogia. Freire retorna na década de 80 ao Brasil e se torna professor na PUC-SP e depois na Unicamp. Em 1986 falece sua esposa Elsa e, em seguida, casa-se com Ana Maria Freire, sua orientanda. Em 1989 é nomeado secretário no governo de Luíza Erundina. Como secretário, Freire aborda as condições de ensino e trabalho; faz investimentos na formação de educadores e na democratização de acesso e permanência dos alunos na escola, além de lutar para que a escola pública se tornasse um local privilegiado de construção de conhecimento e de inserção social. Em 1991 deixa a secretaria e se dedica pesquisa e publicação de livros. Falece no dia 02 de maio de 1997, aos 75 anos de idade.

Paulo Freire é referencia na área de Educação sendo seus conceitos elaborados a partir de suas experiências com a Educação de Jovens e Adultos, todavia é possível trabalhar com esses conceitos no âmbito da Educação Infantil. Sua filha cujas experiências estão contidas

na obra “A Paixão de se Conhecer o Mundo” é um exemplo de como trazer as experiências de Freire para a sala. A roda de conversa, o trabalho com os temas geradores, os diálogos problematizadores, são conceitos da teoria de Freire e que casam muito bem com uma educação que visa a formação da criança, a cooperação, conversas sobre atitudes, sobre sentimentos, trazidos nos livros infantis, mas que permitem fazermos comparações com as experiências do dia a dia permite criar nas crianças posturas em relação ao mundo.

Paulo Freire considera o ser humano como um sujeito ativo que não simplesmente se adapta ao mundo, mas se insere nesse mundo, portanto assume-se como sujeito que ao mesmo tempo em que é constituído pela história também constrói a história, mudando as relações sociais. Freire salientava que a Educação é um ato político de desvendamento das relações ideológicas por trás das práticas sociais e, portanto, cabe ao educador no processo de ensino e aprendizado ajudar os educandos de uma forma dialógica e horizontal, desvendar estas amarras culturais e sociais que

nos são impostas nas relações opressoras que estão a nossa volta. Com um método de alfabetização para jovens e adultos, Freire valorizava a importância da leitura de mundo dessas pessoas, valorizando as suas experiências do cotidiano, a fim de se ensinar a leitura da palavra. No processo de alfabetização, procura verificar os sentidos que davam os educandos a determinadas palavras, ações, utilizando a imagem como recurso de problematização e desvendamento da realidade. Esses temas geradores de discussão, problematização, buscavam a conscientização desses adultos, tal como exemplo, a exploração nas salinas, ou então o significado e sentidos múltiplos do "TIJOLO" para um grupo de pedreiros. A fim de elucidar essa passagem de Paulo Freire costumo utilizar em minhas aulas para alunos da pós e de graduação a música "Cidadão" de Zé Ramalho, uma letra que me comove toda vez que eu a leio ou a ouço. Essa música nos ajuda a evidenciar essas relações de poder e exclusão que presidem nas relações. E as rodas de conversa se constituem como uma prática que busca, por meio de um processo de conscientização, de

conhecimento, de escuta sensível, de dar o direito à palavra, enfim de dar a possibilidade desses seres que se inserem ao mundo modificar esse mundo por meio de lutas e das marchas, tal como evidenciou Paulo Freire em sua última entrevista.

O mesmo pode ser realizado com as crianças ainda que seja de uma maneira mais relacionada ao seu cotidiano, como questões relativas à água, a comida, a partilha e doação, etc. Por exemplo, já realizei trabalhos sobre a importância de valorizarmos esse recurso natural que é água, a partir de uma situação problematizadora que acontecera há alguns anos quando tivemos o racionamento da água, devido a escassez de chuva. Debates sobre o uso da água para beber e viver de nós seres humanos e de qualquer ser vivo, como plantas e animais. Abordamos o uso da água para higiene como lavar as mãos, escovar os dentes, tomar banho, lavar roupa, manter a higiene das nossas casas... fizemos um passeio na pista de saúde da UFSCar para ver onde o rio que abastece a cidade nasce e a importância das árvores para a existência desta nascente... plantamos um feijão e o

regamos com uma seringa para podermos medir quantos litros de água usávamos para esse feijão crescer e , por fim, tentei mostrar o desperdício na hora da refeição quando muitos feijões eram jogados no lixo, fora quantidade de água que fora utilizada para fazer esse feijão. Esses processos de conscientização, não ocorrem tal como no adulto, mas as crianças vão se apropriando de noções de cuidados ambientais que acabam dialogando em casa e cobrando muitas vezes a mudança de postura de seus familiares. O trabalho com o feijão também envolve outros gêneros textuais, tais como: contos de fadas, da história "João e o per de feijão", receita, análise de diferentes tipos de feijões e as vitaminas que esse grão traz, enfim... receitas de preparo de feijões com ervas aromáticas... enfim tantos projetos de letramento...

Utilizar temas geradores oriundos das crianças que o professor nota quando se é sensível a elas, também é um rico instrumento de aprendizagem porque parte do interesse delas. É comum que na faixa etária dos 2 a 8 anos as crianças possuam muito interesse pelo mundo

animal. Partindo de diferentes gêneros é possível ensinar valores morais, atitudes, respeito às diferenças, cuidados ambientais. Toda primavera desenvolvo um trabalho com as crianças denominado “Insetos da Primavera”. Neste projeto conhecemos o que é um inseto, eles constroem os insetários deles e, em seguida, vamos à Biologia ou o pessoal do PET-BIO vem até a sala para abordar as curiosidades das crianças. Falamos da importância destes para polinização... tantas discussões surgem. Outro trabalho que se constitui como tema gerador se refere ao nosso Cerrado, região a qual estamos. Visualizamos o Ipê do Cerrado, falamos sobre os animais ameaçados de extinção que estão no cerrado, como Lobo Guará e Tamanduá Bandeira e sempre vamos ao CDCC em uma aula-passeio a descobrir os motivos da extinção... desmatamento, queimadas, ações causadas pelo homem por adentrar cada vez mais nesse espaço devido a urbanização.

Esses são alguns pouco exemplos do que busco fazer em minhas práticas. Muitas delas

serão descritas em alguns projetos e serão também exemplificados por meio de fotografias.

CAPÍTULO

03

A Parceria escola e família na Educação Infantil

“Como podemos nos entender [...], se nas palavras que digo coloco o sentido e o valor das coisas como se encontram dentro de mim; enquanto quem as escuta inevitavelmente as assume com o sentido e o valor para si, do mundo que tem dentro de si?”

Luigi Pirandello

Paulo Freire já nos dizia que não existe o ensinante se não houver aprendiz e uma das condições de se ensinar é aprender. Dessa maneira, o professor que atua na Educação Infantil aprende todos os dias com as crianças e as suas “cem linguagens”, aprende com as famílias, aprende com os colegas e com todos aqueles que

o cerca a fim de propiciar os cuidados e a educação dessas crianças. Todavia, o processo de aprendizagem do professor iniciante na educação infantil marcado por muitas dificuldades e dissabores advêm justamente das relações que se estabelecem com as famílias das crianças. Já se é sabido que cada família apresenta expectativas diferentes, valores, crenças, desejos distintos umas das outras. O professor também possui suas crenças políticas e ideológicas que repercutem no seu paradigma pedagógico de se compreender o processo de ensino e aprendizado.

Maria do Socorro Oliveira (2016) disserta que ainda que os discursos científicos apontem que a sociedade moderna esteja em rede, a escola continua trabalhando de maneira fechada e isolada, ignorando as possibilidades de troca com as famílias; por outro lado, essas deixam muitas vezes de oferecer apoio àquela "devido à crença de que é papel fundamental da escola responsabilizar-se pela tarefa de educar e instruir os seus alunos" (p.256). A autora enfatiza ainda, que muitas vezes para a escola a presença da família pode se constituir uma ameaça ao que é

realizado por professores e gestores. A fim de mudar esse paradigma de acordo com a autora, devido a complexidade da sociedade a qual estamos vivendo, torna-se de fundamental relevância ressignificar a compreensão destas duas instituições.

A parceria entre escola e família constitui-se como eixo do processo de ensino e aprendizado e pesquisas apontam o quanto essa relação contribui para o desenvolvimento da criança e para a qualidade educacional. A título de exemplificação temos as escolas de Reggio Emilia:

"Mas as conversas sobre educação (incluindo a educação infantil) não podem ser restritas à sua literatura. Tal conversa, que também é política, deve tratar continuamente de grandes mudanças e transformações sociais na economia, na ciência, nas artes e nos relacionamentos e costumes humanos. Todas essas forças maiores influenciam como os seres humanos - até as crianças

pequenas“ leem” e lidam com as realidades da vida. Elas determinam o surgimento, tanto em níveis gerais quanto locais, de novos métodos de conteúdos e de novas práticas educacionais, assim como novos problemas e novas perguntas a serem respondidas”. (Malaguzzi, p.56, 2016)

Compreendendo esse processo de ensinar e aprender por meio de uma relação de parceria embasada no diálogo e considerando as vivências e experiências que essas crianças possuem é que se vislumbrou uma forma de encontrar uma aprendizagem significativa a partir da relação de parceria professor e famílias. Conforme aponta Maria do Socorro Oliveira (2016), estabelecer essa relação não se constitui tarefa fácil, ao contrário exige compromisso e tempo, salientando a importância de a escola ofertar uma capacitação para as famílias a fim de se tornarem ativos e envolvidos na vida escolar de seus filhos. A autora frisa ainda que famílias que compreendem o sistema educacional e as suas

dificuldades constitui-se como apoio às escolas. Desta maneira, do mesmo modo que a escola acolhe as famílias estas também acolhem a escola e seus professores.

Conforme a legislação LDB - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (1996), são responsáveis pela educação das crianças e dos adolescentes a família e o Estado, contendo nos artigos 12, 13 e 14 a necessária aproximação entre essas duas instituições tanto em termos de gestão, quanto em relação aos docentes. O artigo 13 se atém especificamente à incumbência dos docentes em firmar essa parceria, razão deste livro. Em seu inciso VI verifica-se a necessidade desses profissionais colaborarem com as atividades de articulação da escola com as famílias e a comunidade. E é sob esse inciso que nos adentraremos no universo da parceria escola e família constituída por mim na Unidade de Atendimento à Criança e que hoje passa a se constituir como práticas comuns a muitos professores que lá estão.

Ainda ao que se refere às políticas públicas nessa temática, o Ministério da Educação e

Cultura - MEC, no ano de 2010 em parceria com a Unesco desenvolveu um material intitulado “Interação Escola-Família: subsídios para práticas escolares” organizados por Castro e Regattieri (2010). Este documento disponível no site do MEC traz para a educação nacional a necessidade de se discutir e problematizar o estabelecimento do vínculo escola e família. Ainda neste documento é salientado que a parceria escola-família está a serviço de diversas finalidades, tais como:

“o cumprimento do direito das famílias à informação sobre a educação dos filhos; o fortalecimento da gestão democrática da escola; o envolvimento da família nas condições de aprendizagem dos filhos; o estreitamento de laços entre comunidade e escola; o conhecimento da realidade do aluno; entre outras” (p.15).

Neste contexto é importante analisarmos com embasamento teórico e científico, por meio do estado da arte, a configuração destas duas

instâncias. Sob a ótica da família, Szymanski (2001) afirma ser essa uma relação social entre pessoas que escolhem conviver, assumindo um compromisso de cuidado e afetividade com todos os seus membros. No contexto da escola, o processo educativo é também integrante da vida social, de seus aspectos políticos, econômicos e culturais, por essa razão esse processo exige uma parceria entre escola e família para que ambas as partes tenham um olhar atento às crianças como indivíduos, contribuindo para uma aprendizagem significativa.

Nos estudos de formação de professores Tardif (2010) pontua que esse olhar é pouco desenvolvido nos docentes, enfatizando a importância desses profissionais investirem de forma contínua na avaliação e revisão de suas experiências ao longo da profissão, por meio da reflexão de sua própria prática. A partir do exposto, a parceria escola e família objetiva fazer a aproximação dos sentidos entre professores e familiares para o desenvolvimento saudável das crianças.

Em uma perspectiva sociológica, Montandon (1996) e Nogueira (2006) problematizam as relações entre escola e família destacando a intensificação dos contatos, interações e conflitos entre estas duas partes como consequência das mudanças sociais das décadas finais do século XX, mudanças essas que modificaram e muito as relações e interações, uma vez que a criança pequena fica grande parte do dia na escola (Zuin; Ferreira, 2020).

Tais prerrogativas corroboram com os estudos apontados por Maria do Socorro Oliveira (1992) que em seu constructo teórico enfatiza que para que se possa haver compreensão faz-se necessário um horizonte comum de significados, ou seja, que os sentidos se aproximem. E para que isso seja possível nos recorreremos a Crepaldi (2020) que evidencia o quanto é preciso conhecer todos os pais, compreender a realidade de vida das pessoas que se relacionam diretamente com seus educandos, para assim melhor planejar e traçar as estratégias de acolhimento, educação e cuidados com as crianças pequenas.

De acordo com Lima (2002) apud Zuin (2020), as relações que envolvem a escola e a família nem sempre estão envoltas a cooperação e parceria tendo, portanto, ligações com diferentes níveis de envolvimento dos pais na vida escolar, destacando três distintos patamares de profundidade e complexidade. Conforme relata, o primeiro patamar é o de mera recepção de informação; neste patamar a família limita-se a receber e responder comunicados, telefonemas e bilhetes da escola, podendo acompanhar os filhos também em casa, mas mantendo-se distantes do estabelecimento escolar e visitando-o somente quando solicitados ou em ocasiões de festividades. O segundo nível refere-se a presença da família nos órgãos de gestão da escola, sendo entendidos como “parceiros menores da administração da instituição escolar” (Lima, 2002, p. 147). Com relação ao último patamar, os pais apresentam um envolvimento direto na vida da sala de aula, sendo “encarados como parceiros ativos, participantes na concepção, planificação, execução e avaliação de áreas importantes do currículo” (Lima, 2002, p. 148). Indo ao encontro deste pensamento

Oliveira (2016) reforça essa explicação com outras palavras, o que corrobora para que desenvolvamos ações que busquem essa parceria das famílias no processo de ensino e aprendizado.

Vale salientar que de acordo com o autor supracitado esse patamar é muito complexo e quase não ocorre nas escolas, pois nem sempre os docentes e a escola estão abertas a este tipo de relação. Acredito que para estar nesse nível de envolvimento o docente precisa estar aberto, ter muita confiança nas suas ações, o que implica saber de onde partir e aonde quer chegar. O planejamento e o domínio de conteúdo é que lhe dão essas ferramentas, somado é claro, aos saberes da experiência que é a paixão. De acordo com Larrosa (2019), a experiência envolve necessariamente três constituintes: a paixão, o sofrimento e a responsabilidade. Somente quando se é apaixonado pela profissão é que é possível se abrir a esse tipo de envolvimento que a relação educativa exige. Além destes três pontos trazidos para diálogo com Larrosa, ousou dizer que para que tenhamos essa experiência em

sua completude na prática docente devemos partir do pressuposto de que o outro nos constitui como sujeitos, isto é, é na alteridade que surgem as relações, é dar voz ao outro para refletir sobre a própria prática, é permitir que o outro seja partícipe do processo de ensino e aprendizado.

O trabalho de parceria da minha prática junto às famílias, descrito nos capítulos seguintes, busca contextualizar e narrar essas práticas para que professores iniciantes e professores em formação possam se inspirar e confirmar que é possível essa parceria. Nas palavras de Loris Malaguzzi (2016, p.58 e 59) “para a construção de uma escola amável, onde crianças, professores e famílias sintam-se todos em casa”

Zuin e Ferreira (2020), ancorados no constructo de Malaguzzi, afirmam:

(...) é necessário um planejamento intencional que incorpore maneiras de viver em conjunto intensificando as relações entre estes três protagonistas, tornando ainda a pesquisa e a participação ainda mais ativas. E ainda de acordo com o

autor, para que isso seja possível são realizadas reflexões constantes entre o cognitivo, o afetivo e o simbólico, bem como o refinamento de meios de comunicação e encontros para aproximação das crianças, de suas famílias, discussões sobre projetos, currículo e colaboração nas atividades. (p. 31)

Por meio de diferentes vozes e olhares das famílias presentes em minha sala de aula e em outros espaços permite com que laços para além da escola sejam constituídos em prol do processo de ensino e aprendizado de nossas crianças.

CAPÍTULO

04

Uso das tecnologias como recurso para diálogo e documentação: a fotografia e o vídeo como recurso imprescindível no trabalho do professor da Educação Infantil

"O escritor e o fotógrafo utilizam as mesmas ferramentas, mas enquanto um descreve uma imagem com mil palavras o outro descreve mil palavras com uma imagem."

Jefferson Luiz Maleski

Como já salientado anteriormente, a documentação pedagógica apresenta-se como uma possibilidade para a concretização do trabalho docente e, também, para a ampliação dos espaços de aprendizagem e desenvolvimento do educando. A documentação favorece o cumprimento de muitos objetivos, pois promove o trabalho realizado pela instituição,

conferindo visibilidade ao projeto educativo do professor. Configura-se como fonte informacional para os envolvidos no trabalho educativo, além de oferecer informações para apreciação do trabalho realizado pelo professor, pelos alunos e pela família. Constitui-se ainda como um corpus textual e/ou imagético do realizado, experimentado e vivido, uma memória das mediações e elaborações (Mello; 2000, 2002).

Freinet em sua prática já utiliza a documentação como forma de registros, utilizando-se do "Livro da Vida", "O Jornal" e "A Carta" como registros da vida. O Livro da Vida não era somente um lugar para escrever o que já ocorrera, mas um recurso para preservar a informação. O registro se concretizava a fim de possibilitar o pensar, o refletir e, conseqüentemente, ressignificar a atividade docente.

De acordo com Gandino e Goldhaber (2002, p.152), os registros ocorrem de diferentes maneiras: escritos, fotografados e filmados. Todavia, para serem considerados como ferramentas para compreender os processos, faz-

se mister registrar aquilo que vemos e ouvimos. Por meio de anotações rápidas, podemos reescrever de maneira extensa em um outro momento, podemos gravar áudios de rodas de conversa e tirar fotografias e vídeos que mostrem as crianças e os professores em atividade, sendo o próprio trabalho das crianças e as fotografias desse trabalho considerados essenciais e ponte para um diálogo com as famílias.

4.1

O WhatsApp

A fim de estreitar laços para além da sala de aula, a tecnologia se torna uma aliada ao professor e ao vínculo que se estabelece entre professor e famílias. A principal tecnologia de comunicação que utilizo em minha prática há quatro anos é o Whatsapp. Por meio dessa ferramenta me comunico diariamente com as famílias. É por lá que envio a programação denominada “Semanário”, sobre o que trabalharemos, é por esse meio que envio

fotografias dos livros a serem lidos, é por esse meio que fotografo os momentos da sala, as rodas de conversa, o parque, as refeições, e muitas vezes, os familiares recebem essas fotografias em um tempo síncrono com os acontecimentos.

De acordo com Rodrigues e Teles (2019, p. 19), "o uso pedagógico das formas de se comunicar estão sendo propiciadas pelas mensagens eletrônicas instantâneas enviadas por meio de dispositivos móveis, especialmente o celular". Conforme destacam, o uso do WhatsApp é o principal recurso utilizado nesse contexto. Pesquisa realizada pelo Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística (Ibope) em 2015, esse é o aplicativo de celular mais utilizado no Brasil. O fato de ser possível acessá-lo de qualquer lugar, a qualquer hora, mesmo com uma internet pouco potente, coloca-o em vantagem diante de outros recursos didáticos. Além disso, a possibilidade de enviar arquivos (imagens, áudios, vídeos ou documentos) facilita o trabalho de quem precisa compartilhar rapidamente algum conteúdo.

Entre as facilidades proporcionadas pelo aplicativo estão a utilização de uma linguagem mais familiar, além do uso constante de imagens, ideias e vídeos, tal como aponta Moran (2015).

O uso do WhatsApp como ferramenta de comunicação se apresenta como mais uma forma de produção de conhecimento e de compartilhamento de informação, fazendo com que os espaços escolares deixem de ser físicos ganhando novas ressignificações. Castells (2013) ao dissertar os modos como as tecnologias de comunicação permitem que se quebrem barreiras temporais, devido a instantaneidade, permitindo também o acompanhamento simultâneo dos acontecimentos, diálogos em tempo real.

Diante desse arcabouço teórico, a tecnologia permite que o uso do Whatsapp se constitua como um suporte textual de documentação pedagógica também, como ocorre com o uso das imagens, fotografias, vídeos, etc.

4.2

O Registro Fotográfico, Vídeos e Áudios como elo do diálogo com as famílias

A função da escola, conforme a Teoria Histórico-Cultural não é preparar as crianças para etapas subsequentes ou abreviar a infância, mas sim “[...] trazer ao aluno aquilo que ele não tem em seu cotidiano. A escola deve ser um ponto de aumento do capital cultural da criança” (Arce, 2007, p.33)

Desta maneira, pensando sob a ótica dos estudos do Letramento, a imagem, os áudios e os vídeos, permitem que se tenha além do diálogo com as famílias práticas de letramento familiar, pois tanto as famílias registram momentos com as crianças que tecem relações com os conteúdos vistos na escola, como também, o professor estabelece um diálogo a respeito dos conteúdos envolvidos aos processos de ensino e aprendizado.

As fotografias, vídeos e áudios muitas vezes ultrapassa os muros da escola, porque além dos registros da sala de aula com as crianças em suas

atividades cotidianas, a professora tira Fotografias de livros, cartazes que elabora para visualização da criança, portfólios, envia áudios sobre práticas, envia reportagens, sugestões de leituras em outras mídias, etc.

Um universo de possibilidade de interação e, conseqüentemente, comunicação se abre nesse espaço de troca, de confiança, de perguntas e respostas.

Tudo isso torna-se o que vimos denominando de documentação pedagógica, sob o olhar dos autores que escreveram a obra "As cem linguagens da criança", mas mais que isso são mecanismos constituidores de interação, de parceria, de fala e de escuta.

CAPÍTULO

05

Metodologias construídas no percurso do trabalho docente: a família na escola

A fim de trazer a família para uma relação de parceria e dilogicidade, tal como descrito na parte teórica dos capítulos anteriores, descrevo abaixo algumas práticas de letramento que me permitiram estabelecer o estreitamento de uma relação conjunta e dialógica visando a aprendizagem e o desenvolvimento da criança.

Essa metodologia de parceria entre professor e família é dialógica porque:

- busca a continuidade dos trabalhos da escola em casa;
- permite que o professor conheça o cotidiano da criança em casa; e

- possibilita que os pais vejam os trabalhos do cotidiano da escola.

As trajetórias metodológicas que se constituíram via a parceria estarão descritas por meio dos projetos instituídos a fim de se estabelecer essa troca, fala e escuta sensível, visando um processo de ensino e aprendizado significativa.

5.1

Letramentos na Educação Infantil: a literatura como elo do trabalho pedagógico

Para abordar a importância da literatura na educação infantil, antes terei que entrar em um outro conceito que faz parte dos meus estudos e da minha prática junto as crianças na sala de aula da Educação Infantil, o conceito de Letramento. A partir do viés dos "Estudos do Letramento" em uma perspectiva sociocultural devemos pensar o termo Letramento como as práticas sociais do uso da escrita. Os Estudos do Letramento, termo

cunhado por Angela Kleiman, apoiada nos estudos de Shirley Heath e Brian Street voltam os olhares para além do texto, contudo em diálogo com as ações sociais que o texto implica. Preocupados em desvendar as relações ideológicas presentes, os valores, de forma que a unidade básica de análise não seja o texto por si só, mas o evento de letramento que estaria por trás de um texto. Denomina-se evento de letramento uma situação única, realizada em um contexto específico, cujos leitores e escritores mobilizam práticas de letramento para lidar com o texto e outros artefatos culturais a fim de se chegar à significação do texto.

Letramento inclui, portanto, muitos processos que envolvem a aprendizagem da língua escrita, que se concretiza em múltiplos eventos e práticas de letramento que vão além da decodificação, como as práticas de leitura individual; leitura em voz alta, leitura de palavras; mas mecanismos que alguém que não seja alfabetizado utiliza para pegar um ônibus; escrever um bilhete, uma carta; pichar muros e banheiros; achar o seu nome para pendurar a mochila; entre outros.

Conforme os Significados do Letramento, como campo de pesquisa sob a perspectiva sociocultural de Bakhtin temos como pontos de partida: o interacionismo e o dialogismo, devendo, portanto, considerar nas análises dos trabalhos empíricos: o objeto situado; múltiplo; observável; e irrepetível. Diante desse contexto único e irrepetível dos eventos de Letramento, buscamos analisar as relações que se repetem na história da humanidade e que, portanto, são comuns a todos. De acordo com Heath (1982), evento de letramento pode ser definido como ocasiões em que a língua escrita é integrante da natureza das interações dos participantes e de suas estratégias e processos interpretativos nas atividades de vida diária (AVDs) que envolvem a escrita, ou seja, a análise dos modos através dos quais os participantes estão interagindo a partir de um texto escrito. Como por exemplo, na contação de histórias, nas discussões do conteúdo de um livro com os amigos; na organização de uma lista de compras; organização dos ingredientes de uma receita; entre outros.

Diante deste contexto, as Práticas de Letramento (formas de pensar, valorizar, sentir e usar a escrita) são definidas por Street como aspectos que nos possibilitam começar a ver os padrões nesses eventos e situar conjuntos de eventos de forma a dar a eles um padrão, sendo que o olhar é dirigido para ações direcionadas dos sujeitos relacionadas ao uso de escrita e/ou leitura. Portanto, o professor em seu processo de Ensino e Aprendizado utiliza-se de práticas de letramento, uma vez que suas ações, por meio da intencionalidade, trazem valores, crenças e construções sociais.

Um dos principais eventos de letramento utilizados por mim, no cotidiano junto aos meus alunos é o livro. Este é o instrumento mediador de minha prática, é por meio dele que início um diálogo problematizador, é por meio dele que trabalho conceitos, propicio momentos de deleite... a literatura por meio dos seus diferentes gêneros nos propicia a abertura de um mundo novo, um espaço para criar, para imaginar, para ressignificar o mundo e as ações a nossa volta. O livro é o elo do conhecimento e a forma mais pura

dos constructos humano, não à toa, os grandes filósofos e até mesmo Vygotsky e Bakhtin por meio da literatura escreveram as suas teorias sobre linguagem.

A criança deve sentir e aprender o que o livro significa nesse mundo histórico e cultural, deve aprender a apreciá-lo, deve saber dos por quês de seus usos e o que ele pode significar e ressignificar na sua existência. Não quero que meus alunos tenham aversão aos livros, tal como descrito na obra de Aldous Huxley, "O Admirável Mundo Novo" se referendado aos deltas.

O livro é uma possibilidade de dialogia e intertextualidade sem precedentes, ultrapassa o tempo e isso graças as histórias contadas por seus autores. Neste sentido, Kaercher (2001) afirma que formaremos crianças que gostem de ler caso tenhamos uma relação prazerosa com a literatura e se propiciarmos a ela, desde a tenra idade, contato frequente e agradável com o objeto livro e com o ato de ouvir e contar histórias, o que implica dizer que o livro deve ser parte integrante do dia a dia de nossas crianças, sendo o primeiro

passo para iniciarmos o processo de formação de leitores.

Imagem

03

práticas de letramento



foto acervo pessoal

Imagem

04

práticas de letramento

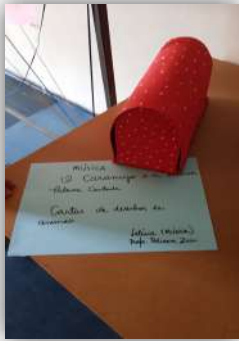


foto acervo pessoal

Podemos verificar nas imagens acima algumas práticas de letramento, como o uso da carta, mesmo que seja pelo desenho, produção de um cartão para uma amiga que estava de partida, crianças desenhando a história, brincando a partir das histórias lidas e crianças em um momento de “Leitura, recintos e representações”.

O momento de leitura deve ser intencional, para que ela perceba o prazer, a entonação, deve então ser de conhecimento do professor, explorado pelo professor antes mesmo de apresentá-lo à criança, vejamos:

(...) não se pode fazer isso de qualquer jeito, pegando o primeiro volume que se vê na estante... E aí, no decorrer da leitura, demonstrar que não está familiarizado com uma ou outra palavra (ou com várias), empacar ao pronunciar o nome dum determinado personagem ou lugar, mostrar que não percebeu o jeito que o autor construiu suas frases e dando as pausas nos lugares errados, [...] Por isso, ler

o livro antes, bem lido, sentir como nos pega, nos emociona ou nos irrita... Assim quando chegar o momento de narrar a história, que se passe emoção verdadeira, aquela que vem lá de dentro, lá do fundinho, e que por isso, chega no ouvinte... (Abramovich, 1997, p. 18-20).

A fim de melhor exemplificar como ocorrem essas práticas de letramento na rotina da sala de aula, cada projeto será explorado nos itens que se seguem.

5.3

Projetos de Parceria Escola-Família: interação e conhecimento

5.3.1

Pesquisa

Iniciei a minha prática na Educação Infantil em um Grupo com crianças de 4 anos, que foram completando 5 anos no final do ano letivo. Busquei trabalhar com esse Grupo cuja

curiosidade se afluía com pesquisas junto às famílias. As crianças buscavam trazer curiosidades sobre animais preferidos, plantas, aprendemos sobre seus animais de estimação e eles foram trazidos para a sala de aula.

Os pais se empenharam nas pesquisas e tivemos um dia com os animais em nossa sala de aula, fizemos aula-passeio em uma chácara de um deles, visitamos o parque ecológico para aprender mais sobre animais selvagens e ainda visitamos o CDCC-da USP para aprendermos sobre os animais do cerrado. Vejamos algumas fotografias.

Imagem

05

animais na sala, visita a chácara de uma criança e aula-passeio no Parque Ecológico e CDCC.



foto acervo pessoal

A pesquisa deve fazer parte do cotidiano das crianças desde a tenra idade. Nos anos subsequentes busquei trazer conceitos dos animais até mesmo com as crianças pequenas de 2 anos de idade e 3. Conceitos menos simples foram explanados. Construção de insetários, aulas-passeio para o Departamento de Biologia, a fim de estudar sobre os insetos e até mesmo que a cor vermelha de alguns alimentos provém da cochonilha, foram conceitos que exploramos. Pesquisar sobre a quantidade de água utilizada durante uma semana para o feijão germinar, bem como visita guiada sobre a nascente do rio que abastece a cidade de São Carlos, também se constituíam como ações que envolviam a pesquisa e, em muitas situações, a parceria da família. Pesquisas com os avós também fizeram parte deste cotidiano. Vejamos alguns exemplos:

Imagem

06

criação de Insetário Coletivo - ano de 2015 e
criança brincando de exército de cigarras



foto acervo pessoal

Imagem

07

visita ao Laboratório de Insetos da UFSCar



foto acervo pessoal

Imagem

08

visita no Campus da USP de Pirassununga para
conhecer os animais que vivem na fazenda -
famílias e crianças



foto acervo pessoal

5.3.2

Diário com as famílias

A ideia de realizar um diário junto às famílias a fim de conversar sobre o processo de ensino e aprendizado da criança foi um caminho encontrado que surgiu no meu terceiro ano como professora de um grupo de crianças de 2 a 3 anos de idade. A princípio foi um mecanismo criado a fim de que fossem registrados os avanços da criança em relação aos temas explorados, todavia passou a ser um instrumento de documentar as interações da criança, um desabafo das famílias, recados, ou seja, um contexto amplo a qual se inseria e se encontrava a criança, tais como: brigas e separação entre os pais, independência da criança ao dormir sozinha, perda de bichinhos de estimação, birras, entre outros.

Esse caderno era enviado para as famílias normalmente às sextas-feiras e retornava às segundas ou o mais tardar durante a semana. Nesse mesmo caderno foram realizados o registro do desenvolvimento da criança e suas relações durante 2 anos (2017 e 2018). Esse diário que buscava o diálogo com as famílias permitiu que fossem analisados todo o desenvolvimento

dessas crianças, constituindo uma ferramenta de parceria e de diálogo com as famílias.

5.3.3

Livro Viajante

O "Livro Viajante" trata-se de um projeto em que se busca incentivar o gosto da leitura por meio do compartilhamento com a família e com os amigos. Ele ocorre da seguinte maneira. Toda sexta-feira as crianças escolhem um livro de seu interesse, dentro de uma caixa de livros que fica na sala de aula e esse livro escolhido por ela é colocado em uma sacola de algodão, juntamente com um portfólio contendo uma folha com o nome do Livro, da criança e com a sugestão de que ela desenhe a parte que mais gostou.

Esse projeto está alocado juntamente com Práticas de Letramento Familiar, porque são os pais que lêem com as crianças, muitas vezes em família com a participação dos irmãos. A intenção é que com a leitura a família possa ter um momento prazeroso, incentivando a criança a

gostar desta prática. Essa ação não se constitui como uma “tarefa”, mas sim propiciar a leitura deleite em família.

Outro ponto fundamental desse projeto é que na segunda-feira esta sacola volta e na “Roda de Leitura, Reconto e Representações” as crianças contam e recontam as histórias e também mostram aos amiguinhos a parte que mais gostaram, bem como a sua representação desta parte.

O trabalho com a literatura propiciar à criança: o desenvolvimento da imaginação e da criatividade; da competência narrativa por meio do conto e reconto; e muitas brincadeiras.

Percebemos que essas práticas por meio da Roda denominada “Leitura, Reconto e Representações”² (advindas do projeto “Livro Viajante”) que acontece todas as segundas-feiras possibilita diferentes aprendizagens e formas de representação: as crianças se expressam na

² Para conhecer mais sobre este projeto, pode-se visualizar a Dissertação de Mestrado de Amanda dos Reis Hermann, minha orientanda de Mestrado, PPGL, fevereiro de 2020 - UFSCar.

oralidade, por meio do desenho, nas brincadeiras de faz de conta e, posterior, escrita; além de propiciar muitas brincadeiras com as situações de leitura. Brincam de professora, de família, de personagens das histórias lidas, etc.

Vejamos algumas fotografias relativas a esse projeto.

Imagem

09

projeto o livro viajante



fotos acervo pessoal

5.3.4

Alimentação Saudável

A fim de que fosse possível uma alimentação mais saudável junto às famílias e às crianças busquei chamar as famílias até a unidade. Conforme nossos trabalhos a respeito de alimentação como um ato cultural e pensando na tradição e na alimentação, que são títulos de livros e artigos publicados por mim e meu esposo, acredito que a alimentação é também um ato de educar culturalmente. O primeiro projeto desenvolvido na unidade foi ainda no meu primeiro ano na instituição, projeto que denominei de “Receitas de Avós”, o segundo projeto “Receitas de família”, o terceiro projeto “Que fruta tem na cesta da Chapeuzinho Vermelho?” e, por fim, o último projeto “Cozinhando com a família e compartilhando com os amigos na escola”. Vejamos cada um desses projetos.

RECEITAS DAS AVÓS

Esse projeto foi oriundo de relatos trazidos pelas crianças sobre seus avós, pois muitos deles ficavam com eles enquanto seus pais trabalhavam. Outros sentiam saudades dos avós que estavam longe. A partir desses relatos surgiu a ideia de se trabalhar os direitos dos idosos por meio da literatura infanto-juvenil “Gente de muitos anos” as crianças também vivenciaram por meio de brincadeiras os sentidos dos idosos. Utilizaram luvas de borracha, óculos de natação para a visão ficar alterada, me ajudaram a atravessar a rua utilizando uma bengala. O projeto foi muito bonito e eu pedia para verbalizarem o que mais gostavam nos seus avós? Do que sentiam falta? O que faziam com eles? Alguns começaram a contar sobre os pratos que faziam e a partir disso construímos um livrinho sobre as “Receitas das avós do Grupo 4”. Os pais contribuíram relatando a história do prato e a receita, já as crianças desenharam o prato preferido. Entregamos no final do ano o livrinho as famílias que levaram uma cópia para as avós e outra para casa.

RECEITAS DE FAMÍLIA

Esse projeto surgiu a partir de uma data comemorativa na instituição que trabalho “Festa da Família”. Pedi para que as famílias trouxessem fotos, bem como que me enviassem em poucas palavras o que significava “Família” para cada uma. Elaborei um painel de imagens e frases para enfeitar a escola. Após esse evento e preocupada com a alimentação saudável das crianças, um projeto que desenvolvo em cada turma, pedi que cada família enviasse pelo menos três receitas de famílias. Uma mãe ajudou em todo o trabalho de diagramação constituindo um livrinho denominado “Receitas de Família”. Cada família recebeu um livrinho desse e fizemos um café da manhã com eles para que as crianças pudessem presenteá-los com uma manhã de autógrafos. As crianças embora tivessem dois aninhos ficaram muito felizes em entregar os livrinhos a seus familiares e ainda ver no livro as fotografias suas e de seus familiares realizando pratos que estavam acostumados a comerem em família. Pelo fato de eu ter trabalhando no Projeto PNAIC-UFSCar na

frente da Educação Infantil esse trabalho também foi publicado na página do PNAIC-UFSCar.

Essa fotografia representa o momento da entrega do livro das crianças para as suas famílias junto a um delicioso piquenique em sala.

Imagem

10

receitas de família



foto acervo pessoal

QUE FRUTA TEM NA CESTA DA CHAPEUZINHO VERMELHO?

Outro projeto desenvolvido com as famílias que foi muito gostoso, pois as crianças adoravam a história da “Chapeuzinho Vermelho” e todo o enredo que envolve essa história, busquei inventar que a “Chapeuzinho Vermelho” levava frutas e receitas saudáveis para a vovó, pois assim ela melhoraria muito mais rápido, uma vez que as frutas possuem muitas vitaminas, entre elas a vitamina C. Envolvendo os pais no projeto pedi que cada um viesse uma vez na semana e que trouxesse uma fruta. Fazíamos toda a encenação. Líamos a história ou as crianças recontavam, cantávamos a musiquinha popular “Pela estrada fora eu vou bem sozinha levar essas frutas para a vovozinha, ela mora longe e o caminho é deserto e o lobo mau fica lá por perto...” Então, os pais que já haviam colocado as frutas na cesta, apresentavam elas para as crianças, perguntavam se conheciam, se dava em árvore ou não, as crianças viam a casca, sentiam as texturas, cheiravam, comiam e depois fazíamos alguma receita, como Danoninho de Inhamé, Mousse de Abacate, Sorvete de Goiaba, Sorvete de Banana,

Chips de Banana, Mousse de Maracujá, Salada de Frutas, etc. Às vezes, apenas apreciávamos a fruta, a degustando como no caso da amora, do coco, da melancia, manga, ameixa, etc. Após fazermos as receitas e degustarmos as frutas com as famílias, nós desenhávamos as frutas com a própria fruta, ou utilizando o guache, as sementes, etc. Foi um projeto muito gostoso e de parceria com as famílias que planejavam, escolhiam as receitas, pensavam nas restrições que algumas crianças tinham em relação ao uso do açúcar, ao fato de algumas serem vegetarianas e outras até veganas.

Imagem

11

projeto chapeuzinho vermelho



foto acervo pessoal

Imagem

12

projeto chapeuzinho vermelho



foto acervo pessoal

Imagem

13

projeto chapeuzinho vermelho



foto acervo pessoal

COZINHANDO COM A FAMÍLIA E COMPARTILHANDO COM OS AMIGOS NA ESCOLA

Dando continuidade aos projetos envolvendo as famílias buscou-se solicitar que cada família fizesse uma receita em um domingo e que trouxesse para ser compartilhada com os amiguinhos na escola. Para a criança é muito significativo, pois elas doam o seu tempo e o compartilha com os pais a fim de pensar e fazer uma receita para trazer para os seus amigos. As crianças gostaram muito e os pratos foram bem variados, tais como: bolo de chocolate com alfarroba, hamburguinho de soja, bolinho de grão-de-bico, tahine com pão de cenoura, etc.

Para exemplificar, vejamos algumas imagens das famílias e crianças que fizeram até cartazes para mostrar as suas receitas aos amiguinhos.

Imagem

14

cozinhando com a família



foto acervo pessoal

Imagem

15

cozinhando com a família



foto acervo pessoal

5.3.5

Projeto Profissões dos Pais

A ideia de realizar esse projeto junto às famílias surgiu da possibilidade de as crianças vivenciarem o trabalho de seus pais e que pudessem compreender melhor o fato delas muitas vezes estarem na escola, uma vez que se trata de crianças de 2 a 3 anos de idade. Conhecer as famílias é essencial para a prática do professor e para o estreitamento das relações entre professor, pais e crianças. Esse projeto ocorreu semanalmente durante os anos letivos de 2018, 2019 e iria ser trabalhado em 2020, porém com a pandemia tivemos que reestruturá-lo ao ensino remoto. Era solicitado para que cada familiar pai, mãe ou parentes próximos viessem conversar conosco sobre a sua profissão e após a roda de conversa que preparasse uma atividade prática, caso essa segunda parte não pudesse ocorrer devido ao tempo das famílias, como docente pensávamos em alguma coisa a ser realizada com a turma. Aulas-passeio também foram exploradas pelas famílias e propostas por mim.

Pudemos abordar diferentes profissões e atividades que serão descritas, tais como: doula, dentista, advogados, tatuadores, pizzaiolos, padeiros, fisioterapeutas, enfermeiros, etc.

Todas as rodas de conversa eram norteadas pela leitura da obra: "O que eu vou ser quando crescer...." de Autoria de Ana Maria Machado. Esses encontros foram registrados pelas famílias em um "Diário das Profissões" a fim de documentar as ações das famílias junto às crianças.

Para iniciarmos o projeto chamei cada criança na biblioteca, anexa a sala de aula e fiz um vídeo sobre o que elas gostariam de ser quando crescessem? Visualizei que não sabiam o que era profissão, pois elas utilizaram muito a imaginação mediada pelas histórias e personagem que gostavam: peter pan, homem-aranha, dinossauro, jardineira, bailarina, etc.

Vejamos alguns momentos deste projeto na sala e no ambiente de trabalho das famílias. Não é possível descrever tudo o que vivenciamos nesse projeto nesses últimos anos, mas colocarei

narrarei aqui algumas ações, vivências e experiências oriundas desse projeto. É necessário ressaltar que dialogávamos muito sobre o que conversar para que a atividade fosse significativa, desde combinados até cuidados com os patrimônios públicos.

Um pai ADVOGADO fez uma roda junto às crianças a fim de discutir sobre regras de convivência como não pegar algo do amigo sem pedir. A partir dessa roda de conversa elaboramos os combinados de nossa turminha a fim de convivermos melhor. Esse projeto fora iniciado logo nas primeiras semanas no ano letivo.

Um pai participou do projeto cuja profissão é TÉCNICO DE INFORMÁTICA e nos trouxe um CPU para que as crianças pudessem ver como é por dentro de um computador. A fim de que eles entendessem ele fez analogias com o nosso corpo e as crianças amaram saber sobre isso. O pai também trouxe computador para que as crianças pudessem desenhar e o programou a fim de ouvir as curiosidades das crianças e que esse programa respondesse as perguntas que faziam. Ele também presenteou cada criança com mouses o

que permitiu que fizéssemos arte de um ratinho com o próprio mouse. Isso nos permitiu abordar o animal rato, hamsters, etc. As ações sempre são entrelaçadas de maneira a não ficar desconexas para as crianças.

Imagem

16

profissão técnico de informática



foto acervo pessoa

Imagem

17

profissão técnico de informática



foto acervo pessoal

Uma mãe, muito generosa pediu para ensinar Libras as crianças, uma vez que ela era TRADUTORA E INTERPRETE DE LIBRAS e possuía familiares deficientes auditivos, de maneira que

visualizava a importância da aprendizagem de sinais desde a tenra infância. Ela permaneceu conosco durante um semestre, nos ensinando a música de bom dia, as cores, os sentimentos, etc. Esse projeto foi excelente que estamos dando continuidade com minha aluna da Pós-Graduação.

Imagem

18

interprete de Libras



foto acervo pessoal

Tivemos a presença de uma mãe DENTISTA que mostrou para as crianças a importância da escovação a fim de se reduzir o surgimento de possíveis cáries, ensinando as crianças a escovarem bem os dentes. Em seguida, sua atividade foi pedir para as crianças pintarem os desenhos relativos à higiene bucal.

Imagem

19

profissão dentista



foto acervo pessoal

As crianças receberam a visita de um pai que é SERVIDOR PÚBLICO do município e ali ele abordou a importância de se cuidar dos bens públicos, como os livrinhos da escola, os brinquedos de uso comum, os brinquedos dos parques e das praças, etc. Trouxe também uma maquete feita com sua família a partir de sucatas. Nessa maquete fez a escola, parque, praças, etc. As crianças adoraram e a partir dela criamos uma pista para os carrinhos que tanto gostavam de brincar.

Imagem

20

profissão servidor público



foto acervo pessoal

Imagem

21

profissão servidor público

foto acervo pessoal



Outro familiar que participou do projeto foi uma mãe FARMACÊUTICA que abordou o uso de medicamentos que sempre devem ser fornecidos pelos pais, mostrando o cuidado e os perigos que a ingestão dos remédios pode causar. Ela abordou tais temas utilizando fantoches.

Imagem

22

profissão farmacêutica



foto acervo pessoal

Tivemos a participação de uma mãe graduanda em TERAPIA OCUPACIONAL que nos convidou para uma aula-passeio em um asilo em que trabalha. As crianças puderam conhecer esse local e interagir com os idosos, além do fato de

perceber o envelhecimento como parte da vida de todos nós.

Imagem

23

profissão terapia ocupacional



foto acervo pessoal

Contamos com a participação de uma BIBLIOTECÁRIA que abordou o

cuidado com os livros e na biblioteca da escola mostrou as formas de categorização do acervo que lá estava.

Imagem

24

profissão bibliotecária



foto acervo pessoal

Uma mãe fisioterapeuta nos convidou para irmos a sua clínica e lá pudemos fazer alguns exercícios e experimentar alguns instrumentos utilizados por ela.

Também tivemos a oportunidade de saber a importância dos exercícios para o corpo.

Ao final das atividades físicas pudemos ter um momento prazeroso degustando o piquenique com a sua receita de família.

Imagem

25

profissão fisioterapeuta



foto acervo pessoal

Outra aula-passeio foi a proposta de uma mãe BIÓLOGA que nos levou ao parque ecológico e explicou o por que aqueles animais ali residem. Na ocasião estudávamos aves do Brasil e lá ela abordou algumas especificidades das aves.

Utilizei muitos livros de literatura e poesia para abordar a temática "aves do Brasil". Na festa da família da escola, algumas crianças junto aos seus pais fizeram a declamação de poesias contidas na obra "Árvores do Brasil" obra que entrelaça aves e outros animais e suas respectivas moradas.

Imagem

26

profissão bióloga



foto acervo pessoal

Uma mãe GERONTÓLOGA falou sobre a sua profissão e os cuidados com os idosos, em seguida, fizemos uma floreira com sucatas, palitos e papel crepom. A mãe abordou a importância de artes plásticas para a memória dos idosos.

Tivemos a visita de uma ENFERMEIRA, mãe de uma das alunas. E lá ela falou sobre os cuidados com os pacientes. Depois as crianças brincaram umas com as outras e com as bonecas.

Imagem

27

profissão enfermeira



foto acervo pessoal

Um ARQUITETO trouxe uma cadeira de papelão para ser montada junto com as crianças.

Na ocasião estávamos trabalhando a história da Cachinhos Dourados e os Três Ursos. Por meio de conto de fadas fizemos a encenação de que o pai viera consertar a cadeira do ursinho, pois ela havia sido quebrada.

Imagem

28

profissão arquiteto



foto acervo pessoal

Mais uma aula-passeio foi feita na Universidade local em que um dos pais trabalha.

Pudemos conhecer o departamento e a sua função de SECRETÁRIO. As crianças usaram carimbos e se divertiram muito.

Imagem

29

profissão secretário



foto acervo pessoal

Uma mãe brincou com as crianças de CAIXA DE SUPERMERCADO, as crianças adoraram saber de sua profissão e brincar de

comprar utilizando dinheirinho de mentira. Puderam ter noções de compra, de troco, etc.

Imagem

30

profissão funcionário de supermercado



foto acervo pessoal

Outra aula-passeio que tivemos foi de um CASAL DE ESTUDANTES da Universidade que possui uma barraca de lanches vegetarianos. Lá

pudemos ajudar a montar a barraca e foi feito convite para todas as famílias irem até lá.

Imagem

31

confeção dos convites para a ir a barraca de lanches



foto acervo pessoal

Imagem

32

montando a barraca de lanches



foto acervo pessoal

Aula-passeio em seus lugares de trabalho e vinda das famílias até a escola para falar sobre suas Profissões:

Visita de um pai de uma das crianças que é tatuador e as crianças brincaram de fazer tatuagens.

Imagem

33

profissão tatuador



foto acervo pessoal

Exercícios na quadra com um pai que é um Professor de Educação Física.

Imagem

34

profissão educador físico



foto acervo pessoal

Visita ao Corpo de Bombeiros. Local de trabalho que fora do avô de uma das crianças.

Imagem

35

profissão bombeiro



foto acervo pessoa

Imagem

36

profissão bombeiro



foto acervo pessoal

Visita ao SAMU. Local de trabalho dos pais de uma das crianças.

Imagem

37

profissão socorristas



foto acervo pessoal

Imagem

38

profissão socorrista



foto acervo pessoal

Visita a uma Pizzaria. Propriedade de um casal de pais de um dos alunos. As crianças fizeram as suas próprias pizzas, com sabores escolhidos por elas.

Imagem

39

profissão proprietário de restaurante



foto acervo pessoal

Pudemos prestigiar o local de trabalho do pai de uma das crianças. Seu pai iniciou a sua profissão como padeiro e lá as crianças puderam

vivenciar a rotina da padaria e compreender a profissão do pai da amiguinha. As crianças fizeram seus pãezinhos e puderam levar para casa para

Imagem

40

profissão padeiro



foto acervo pessoal

Pudemos observar com algumas imagens ilustrativas o quanto é importante o desenvolvimento de um trabalho como esse na Educação Infantil, pois a criança ainda pequena

pode compreender melhor o trabalho de seus pais e ainda, sentem muito orgulho de levar os amiguinhos ou compartilhar com os amiguinhos o ambiente de trabalho de suas famílias, ou mesmo quando esses vem falar com os amigos na sala de aula. O diário dos familiares ilustra a importância desse projeto junto aos seus pequenos. Um fato que muito me comoveu foi que a partir do momento em que fomos à padaria os donos dela visualizaram a importância de propiciar um dia como aquele aos filhos de seus colaboradores. Isso me fez e faz-me emocionar. Esse é um exercício da escuta sensível.

5.3.6

Registros e Documentos: exposição dos trabalhos na sala

As exposições dos trabalhos oriundos das atividades das crianças estão sempre expostas na sala de aula e nos corredores adjacentes, assim como as artes plásticas ficam em uma mesa na entrada da porta. Os trabalhos das crianças como

arte valorizam a sua própria produção e permitem que os pais e familiares possam dialogar com elas sobre os trabalhos realizados, como foram feitos, qual é o dele. Tal como abordava Malaguzzi é um registro público que permite o diálogo.

Alguns exemplos abaixo do painel dos sentimentos, onde buscamos abordar a emoção das crianças, ensinando-as a expressarem por meio de palavras. Esse projeto está sendo explorado por minha orientanda de Mestrado.

Imagem

41

projeto sentimentos



fotos acervo pessoal

Trabalho em conjunto da construção do planeta terra de bexiga e papel machê. E Roda de conversa a partir da leitura.

Imagem

42

trabalho em papel machê



fotos acervo pessoal

Calendário, quadro dos aniversariantes e painel dos sentimentos. Arte das crianças nas caixas de pizzas.

Imagem

43

trabalhos das crianças



fotos acervo pessoal

5.4

Artes Plásticas

Buscando trabalhar com as diferentes linguagens da criança e com a submissão de um Projeto de Extensão - PROEX-UFSCar "Artes Plásticas na Educação Infantil: o encontro com a Terapia Ocupacional", pude contar sempre com alunas da Terapia Ocupacional sob a minha Orientação em Projetos de Pesquisa-PIBIC-CNPQ³ e com alunas voluntárias, a fim de se planejar atividades motoras de coordenação, de movimentos de pinça, utilizando as artes plásticas como finalidade para o desenvolvimento cognitivo, motor e afetivo das crianças.

Essas atividades sempre são confeccionadas com sucatas, como rolinhos de papel higiênico, copos descartáveis, caixas de pizza, garrafa pet, etc.

³ Para saber mais veja as obras publicadas e organizadas por Poliana Bruno Zuin, como por exemplo: "Linguagens da Educação Infantil: olhares e vozes", Pedro e João Editores, 2020.

Imagem

44

arte com sucata



foto acervo pessoal

Por meio da literatura, buscamos construir e representar o mundo animal, cenários das histórias dos contos de fadas, assim como os seus personagens. Utilizamos diferentes técnicas de pintura, como pinturas a dedo, com rolinho, esponja, pincel...

Zuin e Zuin (2016) verificaram que as práticas de leitura junto às atividades plásticas melhoram a atenção e a escuta das crianças, bem como seu desenvolvimento motor, cognitivo e afetivo, que se constituem como elementos fundamentais para um processo de desenvolvimento saudável. Os autores ressaltam ainda, a importância da leitura diária às crianças, pois através dessa prática elas irão ampliar as suas leituras de mundo. Sabendo-se que o professor é o principal agente de mediação do aluno, vejamos:

Todo esse repertório lúdico que o livro fornece auxilia no desenvolvimento psíquico da criança e permite a ela estabelecer novas relações com o mundo e com aqueles que convivem. Todavia, é necessário ressaltar que as mediações que se estabelece no momento da leitura em diferentes contextos são imprescindíveis para que tenham novas leituras de mundo. (p. 244)

Além de trabalhos com animais, também fizemos projetos de artes a partir dos Contos de Fadas com a obra "O Carteiro Chegou" de Janet e Allan Ahlberg. A partir dessa leitura foram trabalhados diversos contos, tais como: "Cachinhos dourados e os três ursos". Através desse conto pode-se trabalhar quantidade e tamanho com as crianças, onde foram realizadas desde a família urso, até o mingau que comiam, a cadeira, a cama, etc. Realizamos também a leitura de várias versões do conto "João e Maria" e a partir dessas histórias fizemos uma maquete da casa da Bruxa da história João e Maria.

Imagem

44

projeto conto de fada



foto acervo pessoal

Desenvolvemos também a história “João e os 10 pés de feijão” José Roberto Touro e Marcus Aurelius, buscando trabalhar os 10 tipos de feijão. Para que as crianças pudessem conhecer melhor, houve o plantio de feijão, junto com uma nutricionista as crianças puderam conhecer cada semente, a fim de que mostrassem os benefícios na hora da alimentação. Nesse dia algumas crianças se motivaram a comer. A fim de ilustrar essa história, foi realizado em papelão o castelo do gigante, bem como a pintura da bota do gigante e brincadeiras de pega-pega com a música “Fi-FII-Fo-Fum sinto cheiro de criança...”.

Imagem referente à História do João e o Pé de feijão. Muitas leituras são realizadas a partir de diferentes versões, inclusive releituras, como “João e os dez pés de feijão” da Companhia das Letrinhas.

Imagem

45

João e o Pé de feijão



foto acervo pessoal

Outros trabalhos de artes plásticas são realizados a partir da literatura, vejamos:

Imagens

46

demais projetos









foto acervo pessoal

Essas imagens que fazem parte do acervo pessoal demonstram como é possível trabalharmos a partir da literatura as artes plásticas com o reaproveitamento dos materiais recicláveis.

CAPÍTULO

06

Tecendo algumas reflexões finais

Ao longo desta obra objetivou-se trazer para diálogo por meio da articulação entre teoria e prática das questões que envolvem o ser Professor na Educação Infantil. Buscou-se compartilhar as experiências de uma professora iniciante a fim de auxiliar nas áreas de formação de professores e, principalmente, àqueles que estão iniciando a sua prática nesta etapa de ensino.

Por meio de um profundo estudo teórico da área de formação de professores, de processos de ensino e aprendizado, estudos do Letramento e também da importância e necessária parceria professor e família é que essa

obra foi tecida a fim de embasar as práticas narradas por mim.

Vimos o quanto é importante nessa etapa da Educação Infantil estabelecermos um diálogo com as famílias para que se tenha uma aprendizagem significativa pela criança. Trazer a leitura de mundo dessa criança a partir da história e convívio com os familiares talvez seja a chave para uma prática que articula a família e a escola. O docente que possui uma ampla formação teórica e metodológica deve propiciar aos familiares abertura para estarem em sua sala de aula, sendo co-participes do processo de aprendizagem e desenvolvimento de suas crianças. Mas para que isso possa ocorrer cabe ao professor ter uma escuta sensível, estar aberto ao diálogo.

Iniciar esse processo não se constitui tarefa fácil, mas é possível à medida que se estabeleça

um diálogo franco com os familiares das crianças, mostrando os objetivos e as finalidades deste processo que ocorre em parceria em prol da criança pequena.

Poderia citar muitos fatores positivos em relação ao desenvolvimento da criança quando essa parceria ocorre, tal como tentei delinear nesta obra, mas o farei novamente de uma maneira objetiva. A parceria entre professor e família permite:

- Amplitude nas práticas de letramento (melhor apropriação da leitura, do desenho, da oralidade e da escrita) devido a afetividade e parceria com as práticas do professor;
- Segurança da criança, da família e do professor (os laços de confiança e coresponsabilidade permitem que os adultos se sintam mais confiantes em suas ações e

nas ações do professor, fato que leva à segurança da criança, minimizando comportamentos de birras, etc);

- Melhora nas aprendizagens e desenvolvimento da criança porque as suas vivências e experiências em casa (conhecimentos cotidianos e espontâneos) são trazidos pelas famílias e considerados pelo professor na sala de aula a fim de introduzir os conteúdos científicos) e as experiências e aprendizagem da escola são trazidas para a discussão pelos pais em casa;
- Desenvolvimento positivo nas Atividades de Vida Diárias por meio de ações intencionais com as artes plásticas;
- Desenvolvimento das emoções e sentimentos devido à apropriação do conceito por meio das histórias;

- Ampliação da atividade criadora por meio da literatura;
- Desenvolvimento da oralidade e aumento do vocabulário pelas interações e mediações propostas;
- Desenvolvimento e aprimoramento dos desenhos pictográficos;
- Início do processo de aquisição de escrita;
- Respeito ao outro, aos amigos, aos professores;
- Apropriação de diferentes linguagens;
- Apreciação de uma alimentação saudável;
- Incentivo a partilha;
- Exercício da escuta e responsividade; entre outros.

Esses itens são apenas alguns dos benefícios quando há parceria professor e famílias.

Diante do que foi colocado até o momento, esboçamos o quanto é importante trazeremos essa parceria para a prática das escolas de Educação Infantil, a fim de que o que está contido nos documentos e nas normativas para a Educação não sejam apenas normas programáticas.

Se a educação é uma to político como educadora da primeira etapa da Educação Básica saliento que a educação e cuidado com os pequenos devem ser orientadas pelas duas principais instâncias que zelam por elas, a família e a escola.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 1997.

BAKHTIN, M. **Estética da Criação Verbal**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BOURDIEU, P; PASSERON, J. C. **A reprodução. Elementos para uma teoria do sistema de ensino**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975.

BRASIL. Lei de **Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei número 9394, 20 de dezembro de 1996.

BROSTOLIN, M.R; OLIVEIRA, E.A.C. Educação Infantil: dificuldades e desafios do professor iniciante. **Interfaces da Educ.**, Paranaíba, v.4, n.11, p.41-56, 2013.

CASTRO, J. M. e REGATTIERI, M. (Orgs.) **Interação escola-família: subsídios para práticas escolares**. Brasília: UNESCO, MEC, 2009. 104 p.2010

CREPALDI, E.M.F. A importância da família na escola para a construção do desenvolvimento do

aluno. In: **Formação de Professores: contextos, sentidos e práticas.** Disponível: https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2017/25972_13983.pdf. Acesso em: 17 de junho de 2020.

DAHLBERG, G. Documentação pedagógica: uma prática para a negociação e a democracia. In: Edwards, Gandini e Forman. **As Cem Linguagens da Criança.** Porto Alegre: Penso, 2016, v.2. páginas (229, 230 e 231)

EDWARDS, C.; GANDINI, L.; FORMAN, G. **As Cem Linguagens da Criança: a experiência de Reggio Emilia em transformação.** Porto Alegre: Penso, 2016, v.2.

FREINET, C. **Método Natural III: a aprendizagem da escrita.** Lisboa: Editora Estampa, 1977.

GAUTHIER, C. **Por uma teoria da Pedagogia.** Ijuí: Ed. Unijuí, 1998.

GANDINI, L.; GOLDHABER, J. Duas reflexões sobre a documentação. In: GANDINI, L.; EDWARDS, C. (Org.). **Bambini: a abordagem italiana à educação infantil.** Porto Alegre: Artmed, 2002. p. 150-169.

HEATH, S.B. "What no bedtime story means: narrative skills at home and school". **Language in society** n.11, pp.49-76, 1982.

HUXLEY A. **O Admirável Mundo Novo**. Rio de Janeiro: Biblioteca Azul, 2014.

HUBERMAN, M. O ciclo de vida profissional dos professores, 1989. In: Nóvoa, A. **Vidas de professores**. Porto, Portugal: Porto, 2000.

KLEIMAN, A.B.; ASSIS. J.A. **Significados e Ressignificações do Letramento**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2016.

LARROSA, J. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Rev. Bras. Educ.**, n. 19, p. 20-28, Apr. 2002.

LEONTIEV, A.N. Uma contribuição à teoria do desenvolvimento da psique infantil e os princípios psicológicos da brincadeira pré-escolar. In: VIGOTSKII, L.S; LURIA, A.R e LEONTIEV, A.N. **Linguagem, Aprendizagem e Desenvolvimento**, 7 ed., São Paulo, Ícone, 2001.

LIMA, J. A. A presença dos pais na escola: aprofundamento democrático ou perversão

pedagógica? In: LIMA, J. A. **Pais e professores: um desafio à cooperação**. Porto: ASA. p.133-173, 2002.

MALAGUZZI, L. Em busca de uma abordagem educacional para crianças menores. In: Edwards, Gandini e Forman. **As Cem Linguagens da Criança: a experiência de Reggio Emilia em transformação**. Porto Alegre: Penso, v.2, 2016

MELLO, S.A. **Linguagem, consciência e alienação: o óbvio como obstáculo ao desenvolvimento da consciência crítica**. Marília: Unesp -Publicações, 2000.

MELLO, S.A. **Educação das Crianças de Zero a Três Anos**. Marília, 2002, texto produzido para a disciplina Metodologia da Educação Infantil FFC/Unesp.

MELLO, S. A.; BARBOSA, M. C. S.; FARIA, A. L. G. **Documentação Pedagógica: teoria e prática**. São Carlos: Pedro e João Editores, 2017.

MIOTELLO, V. **Por uma escuta responsiva: a alteridade como ponto de partida**. São Carlos: Pedro e João Editores, 2018.

MORAN, J. M. Educação híbrida: um conceito-chave para a educação, hoje. In: BACICH, L.; TANZI NETO, A.; TREVISANI, F. M. **Ensino híbrido: personalização e tecnologia na educação**. Porto Alegre: Penso, 2015. p. 27-45.

MONTANDON, C. Les relations des parents avec l'école. Lien social et politiques. **RIAC**, n. 35, p. 63-73, 1996.

NOGUEIRA, M.A. Família e escola na contemporaneidade: os meandros de uma relação. **Educação e Realidade**, v. 31, n. 2, p. 155-69, 2006.

NONO, M. A.; MIZUKAMI, M. N. **Processos de Formação de Professoras Iniciantes**. 2006. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/reunioes/29ra/trabalhos/trabalho/GT08-1868-Int.pdf>>. Acesso em: dezembro de 2017.

OLIVEIRA, M.S. Letramentos e políticas públicas: a família na escola. In: KLEIMAN, A.B.e ASSIS. J.A. (Orgs.) **Significados e Resignificações do Letramento**, Campinas, SP: Mercado das Letras, 2016.

RODRIGUES, T.C.; TELES, L.F.: O uso de mensagens eletrônicas instantâneas como recurso didático. **Rev. Bras. Estud. Pedagog.** v.100, n. 254 Brasília Jan./Apr. 2019

TARDIF, M. Saberes profissionais dos professores e conhecimentos universitários. **Revista Brasileira de Educação.** ANPED, n. 13, p. 5-24, 2000.

VYGOTSKY, L.S. **A Construção do Pensamento e da Linguagem**, São Paulo: Editora Martins Fontes, 2001.

VIGOTSKII, L.S; LURIA, A.R; LEONTIEV, A.N. **Linguagem, Aprendizagem e Desenvolvimento**, 7 ed., São Paulo, Ícone, 2001.

STREET, B. V. **Literacy in Theory and Practice.** Cambridge: Cambridge University Press, 1984.

STREET, Brian (Org) **Cross-cultural Approaches to Literacy.** Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

STREET, B. **Social Literacies: critical approaches to literacy in development, ethnography and education.** Londres: Longman, 1995.

SZYMANSKI, H. **A relação Família Escola: Desafios e Perspectivas.** Brasília: Editora Plano, 2001.

WEBER, M. **Metodologia das Ciências Sociais. Parte 2.** 2 ed. São Paulo: Ed. Cortez, 1995.

ZUIN, P.B.; Ferreira Jr., A. Educação Infantil: rupturas e acolhimento de famílias e crianças por meio da tecnologia em tempos da Covid-19. In: ZUIN, P.B. (Org). **Acolhimento na educação Infantil em tempos de pandemia da Covid-19,** Pedro e João Editores, 2020.

A aposta em projetos que envolvam as famílias se constituem como uma forma metodológica de atuação do professor da Educação Infantil. A parceria escola e família se constituem como um verdadeiro ato educativo, pois as famílias não podem delegar à escola a educação de seus filhos e a escola e o professor devem deixar claro que a relação educativa se dá entre pares.

“O amor é uma intercomunicação íntima de duas consciências que se respeitam. Cada um tem o outro como sujeito de seu amor. Não se trata de apropriar-se do outro.”

Paulo Freire, Educação e Mudança, 1979.

